



O aborto em debate

Editorial

O debate nacional sobre a realização ou não do aborto, em quais casos ou situações pode haver sua legalização e descriminalização, e até a possibilidade de um plebiscito sobre ele, suscita uma ampla e acesa discussão. A página eletrônica do IHU promoveu duas enquetes sobre o tema. Se a maioria dos internautas é favorável à realização do plebiscito, quanto ao direito de abortar, há uma nítida divisão. Ou seja, a discussão do tema é altamente polêmica.

A *IHU On-Line* desta semana aborda o tema, querendo contribuir no debate. Assim, entrevistamos a teóloga **Ivone Gebara**, que levanta a bandeira da legalização e da descriminalização do aborto, principalmente nas classes mais pobres. “O aborto traz uma dor imensa, pois não é uma ação tranqüila. Mas deve ser uma opção em certas situações, como em casos de violência, de abuso sexual e, de maneira especial, em relação às mulheres mais pobres”, defende. Outra é a posição da médica pediatra e sanitarista, **Zilda Arns**, fundadora da Pastoral da Criança.

Entrevistamos também **José Roque Junges**, padre jesuíta e professor do PPG em Ciências da Saúde da Unisinos, que não considera o aborto uma solução para o problema da gravidez indesejada. **José Roberto Goldim**, do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, acredita que “é

equivocado tratar do aborto descontextualizando o tema de suas múltiplas interfaces”. O casal alemão **Dietmar e Irene Mieth** reflete sobre a necessidade de conectar a defesa do feto com a defesa da mulher. Dietmar Mieth é reconhecido internacionalmente pela sua reflexão ético-moral.

Já a teóloga luterana **Elaine Neuenfeldt**, da EST, reflete sobre o aborto a partir da argumentação cristã.

Confira nesta edição também uma entrevista com o teólogo jesuíta **Mario de França Miranda**, sobre a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em Aparecida, e entrevistas especiais sobre os eventos promovidos pelo IHU na semana que se inicia. Destacamos, especialmente, três:

1. A apresentação e debate da obra clássica de Adam Smith, *Teoria dos sentimentos morais*. O Prof. Dr. Hugo Eduardo Araujo da Gama Cerqueira, da UFMG, fará a exposição do livro e coordenará o debate.

2. A discussão da obra *Memórias do cativoiro: Família, trabalho e cidadania na pós-abolição*, de Ana Maria Lugão Rios e Hebe Mattos. O livro será apresentado pela Profa. Dra. Ana Maria Lugão Rios - UFF/UFRJ, uma das autoras do livro.

3. Na quinta-feira, dia 17 de maio, inicia-se o *Seminário Clínico-Psicanalítico Como alguém se torna*

paranóico? De Schreber a nossos dias, que será oficiado por Charles Melman, psiquiatra, psicanalista, aluno de Lacan e um dos principais dirigentes da École Freudienne de Paris. Charles Melmann proferirá, também, a conferência de abertura do *Simpósio*

Internacional O Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos?, na próxima segunda-feira, dia 21 de maio.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 03 | Enquete: O aborto e algumas opiniões

PÁGINA 05 | Ivone Gebara: Em defesa da legalização e da descriminalização do aborto

PÁGINA 09 | Zilda Arns: “Sou absolutamente contra o aborto”

PÁGINA 12 | José Roque Junges: “A questão da discussão do aborto é urgente”

PÁGINA 17 | José Roberto Goldim: “A questão da discussão do aborto é urgente”

PÁGINA 20 | Dietmar Mieth e Irene Mieth: “Consideramos necessário conectar a defesa do feto com a defesa da mulher”

PÁGINA 22 | Elaine Neuenfeldt: “O aborto é um assunto de ordem plural, de saúde pública, um problema social e familiar”

B. Destaques da semana

» Teologia Pública

PÁGINA 26 | Mario França Miranda: “A Igreja não dispõe nem de poder nem de solução mágica para resolver a questão da maioria de seus fiéis, que são pobres”

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 29 | Destaques On-Line

PÁGINA 33 | Frases da Semana

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 36 | Agenda de Semana

PÁGINA 37 | Ana Maria Lugão Rios: A história recontada pelos descendentes de escravos

PÁGINA 40 | Hugo Eduardo Araujo da Gama Cerqueira: Sentimentos morais

» PERFIL POPULAR

PÁGINA 42 | Leonardo da Silva

» IHU Repórter PÁGINA 45 | Rômulo José Escouto

Aborto: algumas opiniões

ENQUETE NO CAMPUS DA UNISINOS

O tema de capa da edição desta semana traz à tona a polêmica discussão sobre o aborto. Antes de mergulharmos na reflexão de especialistas sobre o tema, podemos nos deter sobre opiniões de algumas pessoas ouvidas pelos corredores da Unisinos, pela IHU On-Line. Elas se posicionam se são a favor ou contra o aborto e, em razão do assunto, algumas se dividem. Confira:



“Eu sou contra o aborto, porque no momento em que a mulher engravidada já existe uma vida. Não interessa se ela está grávida há uma ou duas semanas. Há muitos meios para prevenir uma gravidez. Fica grávida quem quer.”

Sílvia Sander da Silva, 54 anos, dona de casa.



“Eu sou contra o aborto, porque acho que só Deus tem o direito de impedir que alguém possa nascer.”

Janete Ferreira de Oliveira,
42 anos, artesão.



“Eu sou a favor do aborto, mas depende do ponto de vista. Se for um caso de estupro, eu concordo. Se for por inseqüência, então eu sou contra. Temos que assumir os erros cometidos”.

Alex Santana, 34 anos,
mestrando em Ciências Contábeis.



“Cada caso precisa ser estudado individualmente. É necessária uma política de educação de prevenção da gravidez indesejada. A população de baixa renda, que não tem acesso à educação ou a uma saúde pública de qualidade, deve ser informada sobre como prevenir a gravidez indesejada e instruir um planejamento familiar. No caso de a mulher não ter realmente condições de ter mais um filho, como uma última opção, ela teria a possibilidade de fazer aborto. Cada caso deve ser avaliado com cuidado e respeito, pensando nas condições psicológicas, econômicas e de saúde. Mas o aborto não deve ser usado como método contraceptivo.”

Janáina Antunes Alves, 32 anos, estudante de Psicologia.



“Sou a favor em caso de estupro.”

Aline Kunzler, 23 anos,
estudante de Biologia.



“Eu sou contra em casos de irresponsabilidade, de gravidez indesejada. A partir do momento em que você teve relação sexual, precisa arcar com as conseqüências. Em caso de um estupro, eu sou a favor, porque a pessoa violentada não tem culpa da

conseqüência do ato. Em outros casos, sou contra o aborto como alternativa.”

Fabiano Machado Martins, 24 anos, estudante de Física.



“Eu acho que quem deveria decidir isso são as mulheres, que são as mais interessadas no assunto. Sou a favor de elas decidirem. Essa é uma questão que é somente abordada por homens. Como esses não engravidam, não poderiam

decidir sobre o assunto.”

Guilherme Piletti, 23 anos, estudante de Jornalismo.



“Eu sou a favor do aborto em certos casos. Mas na maioria dos casos sou contra. É uma vida que tu tiras.”

Ricardo Luís da Costa, 32 anos, pedreiro.

“Eu sou contra o aborto, porque não consigo achar um motivo relevante que o justifique. Mas, ao mesmo tempo, também, sou a favor, porque não sei como agiria se estivesse em uma situação em que o aborto é uma

alternativa. Defendo o aborto no caso de abuso sexual.”

Débora Cristina Weber, 20 anos, estudante de Educação Física.



“Sou a favor do aborto quando se trata de estupro ou se a pessoa não tem realmente condições de cuidar do filho, como menores de até quinze anos, que não tem preparação para cuidá-lo.”

Diego Capela, 22 anos, estudante de Jornalismo.

“Eu tinha 19 anos e trabalhava em casa de família. Lá eu conheci meu primeiro namorado e engravidei. Ele não quis saber da criança. Eu sabia que a dona da casa onde eu trabalhava iria me demitir e que a minha mãe não ia deixar eu voltar para casa grávida. Desde o começo eu sabia que não dava para ter um filho assim. Pedi ajuda, então, para a dona da casa onde eu trabalhava. Ela me levou a um médico, que me receitou um abortivo. Disse que era para eu tomar e ficar trancada no quarto sem sair porque podia doer. Assim que eu cheguei em casa eu tomei. Tive uma cólica forte. Eu nunca me arrependi, porque não iria poder criar aquele filho, seria mais uma criança triste no mundo.”

Terezinha, 63 anos, aposentada.

Em defesa da legalização e da descriminalização do aborto

ENTREVISTA COM IVONE GEBARA

“O aborto traz uma dor imensa, não é uma ação tranqüila. Mas deve ser uma opção em certas situações, como em caso de violência, de abuso sexual, e, de maneira especial, em relação às mulheres mais pobres. Essa é a bandeira que eu levanto”, afirma a teóloga Ivone Gebara, em entrevista concedida por telefone à redação da IHU On-Line. Ivone é doutora em Filosofia pela Universidade Católica de São Paulo e em Ciências Religiosas pela Université Catholique du Louvain, na Bélgica. Ela lecionou durante 17 anos no Instituto de Teologia do Recife, até sua dissolução, decretada pelo Vaticano, em 1989. Atualmente, vive e escreve em Camaragibe, Pernambuco. Percorre o Brasil e diferentes partes do mundo, ministrando cursos, proferindo palestras sobre hermenêutica feminista, novas referências éticas e antropológicas e os fundamentos filosóficos do discurso religioso. Tem vários livros e artigos publicados em português, espanhol, francês e inglês, entre eles As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina (São Paulo: Paulinas, 1989) e Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal (Petrópolis, Vozes, 2000). Ivone Gebara concedeu uma entrevista à IHU On-Line sobre a caminhada das mulheres e do movimento feminista, publicada na 210ª edição, de 5 de março de 2007.

IHU On-Line - A senhora se posiciona favorável ao aborto? Em que sentido?

Ivone Gebara - Antes de responder diretamente a essa questão, gostaria de dizer que é preciso falar da descriminalização e da legalização do aborto. O aborto ainda é crime e criminaliza sempre a mulher, quando, muitas vezes, a escolha por fazê-lo não é dela. Sou a favor da descriminalização e da legalização do aborto porque acho que existem certos problemas que não resolvemos apenas apelando para os bons princípios. O aborto traz uma dor imensa, ou seja, não é uma ação tranqüila. Mas deve ser uma opção em certas situações, como em casos de violência, de abuso sexual, e, de maneira especial, em relação às mulheres mais pobres. Essa é a bandeira que eu levanto. Não é que a legislação pelo aborto precise ser limitada às

mulheres pobres. É que as mulheres de classe A, quando decidem fazer aborto, simplesmente fazem, enquanto que as mulheres pobres, quando optam por ele, são vítimas do próprio ato. Nesse sentido, os casos de mortalidade materna são muito grandes. Alguém pode me dizer que essa proposta faz sanar o mal com outro mal. Infelizmente, é isso. Se nós fôssemos pessoas ideais e não fôssemos essa mistura de bem e mal, agiríamos de forma diferente. Mas somos essa mistura, essa contradição, essa divisão em nós mesmos. Por isso, a meu ver, o Estado deve garantir a possibilidade de aborto em casos necessários, assim como deve garantir outras leis em torno dos transplantes, da venda e do uso de drogas etc. Mas acredite que a problemática do aborto não é tranqüila para mim. Por isso, não se pode reduzi-la a um debate

entre quem é a favor e quem é contra, por princípio.

IHU On-Line - E como a senhora se sente defendendo essa posição, mesmo sendo uma religiosa da Igreja Católica, instituição que é terminantemente contra o aborto?

Ivone Gebara - A Igreja já foi terminantemente contra uma porção de coisas. Foi contra o dinheiro a juros e, no entanto, põe seu dinheiro nos bancos e trabalha com juros. A Igreja hierárquica fala do princípio de respeito à vida, mas tem capelães militares, padres mandados para a guerra para responder às necessidades espirituais dos soldados. Não é também uma contradição quando se afirma o direito absoluto à vida? A decisão a partir apenas de princípios é profundamente ambígua e é muito fácil. O “por princípio” esconde um descompromisso com nossa realidade histórica. Pertencer a uma Igreja significa também ser capaz de discordar dela. É como pertencer a uma família. A discordância também faz avançar o próprio sentido da pertença. Eu não aposto em uma Igreja marcada pelo dogmatismo e pelo autoritarismo puros. As posições que a Igreja tem tomado nesse particular não expressam nenhum consenso das comunidades cristãs. Muitas vezes, a Igreja e a imprensa têm trabalhado no sentido de impressionar emocionalmente o grande público.

Eu não estou pleiteando que o aborto seja identificado à limitação da natalidade. O aborto é um problema dramático. Mas quero poder resgatar a vida dessas mulheres, sobretudo daquelas que se sentem marginalizadas pelo sentimento da culpa e pelas feridas em seu próprio corpo. Não posso dizer “tenha o filho e depois alguém vai te ajudar”. Não há ajuda coisa nenhuma! A gente sempre acaba esquecendo dos bons propósitos tomados emocionalmente.

Eu gostaria de poder frisar a capacidade de escolha das pessoas quando estão diante de certos problemas. Mas nem sempre temos condições de escolher o melhor. As escolhas são sempre condicionadas por situações que, às vezes, não dependem de nós. Por isso, o melhor caminho é sempre o da misericórdia, muito embora também aí possamos errar.

Ideologia anti-abortiva na igreja: um escudo

Quando nos dizemos pertencentes a uma Igreja, não necessariamente aceitamos tudo o que dizem as autoridades eclesíásticas de olhos fechados, de cabeça baixa. Temos o direito de discutir e discordar. O aborto deve estar em discussão também na Igreja. A defesa do direito à vida deveria ser ampla, larga e restrita. O primeiro direito à vida é o direito a comer, beber, dormir, ter uma casa. Existe uma ideologia anti-abortiva que, infelizmente, entrou na Igreja como se, através do aborto, pudéssemos nos esconder das grandes questões vitais. O aborto aparece como o escudo de moralidade de algumas pessoas para não enfrentar grandes questões: fome, desemprego, violência, corrupção, acúmulo de riquezas nas mãos de poucos. Então, reduzem a moralidade social a questões relativas à sexualidade.

IHU On-Line - Então o aborto não pode ser considerado um método de controle da natalidade?

Ivone Gebara - De forma alguma! E também não pode ser considerado um crime hediondo. Tenho visto alguns programas que falam assim: “A mãe que mata o filho”. Mas o que é isso? Essas propagandas são horrorosas e só fazem acentuar os preconceitos! Ou então: “Você está matando possivelmente o futuro Beethoven, o futuro Bach, o futuro Einstein, a futura Madre Teresa de Calcutá”. Tenha dó! Isso é apelação! Vários grupos católicos e não católicos fazem isso porque não têm contato com a população, com os pobres, com gente

de rua, de favela e, portanto, desconhecem as dores reais vividas e contadas. Então, é muito fácil aconselhar quando se está fora do problema e falar de princípios quando se vive em berço esplêndido. Eu não gosto de falar de aborto, pois já fui muito castigada pela minha opinião. Mas há urgência nessa discussão. Trata-se de uma questão de democracia e de saúde pública. Quando uma lei é aprovada, não significa que todo mundo é obrigado a fazer o que a lei permite. A legalização do aborto é uma lei que deve estar disponível para que se faça uso dela quando necessário. A ausência dessa lei é pernicioso para as pessoas, para a democracia, e é uma porta aberta para os fundamentalismos religiosos e políticos tomarem conta do País.

***IHU On-Line* - O que a senhora pensa sobre o plebiscito da descriminalização do aborto? Esse é o melhor meio de discutir esse tema tão delicado? A sociedade está preparada para isso?**

Ivone Gebara - Não é o melhor meio. O plebiscito sobre esses assuntos, num país tão heterogêneo e desigual como o nosso, não leva a absolutamente nada. O aborto envolve uma questão emocional. Não se pode polarizar entre o “a favor” ou “contra”, como eu disse. Se me perguntarem, eu vou dizer que sou contra o aborto. E também vou dizer que sou a favor da descriminalização e da legalização. Sou contra porque acho que eu não faria dentro das minhas condições. É claro, sou freira, tenho 62 anos, não corro esse risco. Mas emocionalmente, como escolha minha, eu não faria. No entanto, existem pessoas que precisam fazer e escolhem fazê-lo. O bem comum é pensar o que é bom para todo mundo. Proibir significa incitar a morte de uma quantidade enorme de jovens mulheres, que ficam inutilizadas ou mortas depois de um aborto mal feito. Por isso, não ter a lei é pior do que tê-la. Em muitos países onde a lei foi aprovada houve uma

diminuição considerável de casos de aborto. Sou pela lei, embora eu seja também pela educação. Toda lei exige educação. As igrejas não precisam se intrometer na polêmica de forma tão acirrada. Elas devem permitir a autonomia do Estado. Que se faça essa lei e que as igrejas eduquem seus fiéis a fazer as escolhas que elas consideram certas. A grande maioria dessas meninas, desses jovens que ficam nas ruas, nesses bares, nos bairros pobres, não frequenta a Igreja. A lei desta vai legislar para seres abstratos. A Igreja não está pleiteando uma legislação para seres concretos que estão à nossa volta. Por exemplo, quando não permite o uso da camisinha, de quem e para quem a Igreja está falando? De seres que não fazem sexo? Não existe nesse mundo esse negócio de não fazer sexo, a não ser se falamos em padre, em freira ou no papa. E, ainda assim, eu vou devagar com o andor.

***IHU On-Line* - Podemos conciliar a autonomia e a liberdade da mulher com a vida do embrião?**

Ivone Gebara - Só a mulher tem liberdade. O embrião não é um ser autônomo. Eu até poderia querer que todos os embriões nascessem, mas sabemos que isso é impossível. Quantas mulheres ficaram grávidas e nem souberam, pois o embrião saiu com a menstruação? O que nós temos que fazer não é refletir sobre os embriões. Precisamos refletir, em primeiro lugar, sobre o problema social da saúde feminina, sobre a pessoa que está diante de nós. O ideal é que todas as mulheres pudessem levar adiante a gravidez e criar quantos filhos quisessem. Mas é preciso ver a sociedade como ela é, e ela é muito cruel com as mulheres, sob todos os pontos de vista. Mais uma vez fugimos para não enfrentar os problemas reais.

***IHU On-Line* - E como a senhora vê o estatuto do embrião?**

Ivone Gebara - Não tem que existir estatuto de

embrião. Isso é uma bobagem vestida de direitos. Nós podemos fazer o estatuto dos seres da lua? Não podemos. Um estatuto nos termos que se quer não tem razão de existir. Existencialmente, é algo furado. Claro que o aborto não pode ser feito em qualquer tempo da gravidez. A maioria das leis estabelece o limite para se fazer o aborto em até 12 semanas de gravidez. Não entendo como alguém pode falar de estatuto do embrião. Se engravidou não se pode mexer, nem que esse embrião coloque em risco a vida da mãe? Mas não seria melhor fazer leis capazes de garantir que o embrião fecundado e em desenvolvimento seja bem nutrido, e que a mãe precisa ser cuidada etc.? Por que não fazem um estatuto para as pobres grávidas? Dêem, então, a elas comida e acompanhamento para que elas tenham filhos saudáveis. Ninguém pensa nisso. Que a lei garanta moradia, comida e bebida sadia às grávidas. O chamado estatuto do embrião, enfim, é mais uma das incríveis fantasias de nosso tempo.

IHU On-Line - O problema do aborto poderia ter uma outra solução do que uma lei a favor ou essa é a única resposta?

Ivone Gebara - O aborto é um problema sério e é um problema social e de saúde pública. Muitas mulheres carregam seqüelas e culpa até o final da vida, acentuadas pela propaganda dos fundamentalistas da Igreja. Ninguém está dizendo que é uma coisa agradável e de uso indiscriminado. Só estamos dizendo que é algo necessário e que deve haver o direito da escolha para utilizar este meio. Eu não sou obrigada a beber cachaça só porque existe uma lei me permitindo consumir bebida alcoólica a partir dos 18 anos. Não sou obrigada a comprar uma arma porque estão disponíveis no mercado. Com o aborto é a mesma coisa. Se existe a lei não significa que vou necessariamente usá-la. Mas a lei justamente garante a minha liberdade de escolha.

“Sou absolutamente contra o aborto”

ENTREVISTA COM ZILDA ARNS

Para Zilda Arns, médica pediatra e sanitarista, “tentar solucionar os milhares de abortos clandestinos realizados a cada ano no País com a legalização do aborto é uma ação paliativa, que apontaria o fracasso da sociedade nas áreas da saúde, da educação e da cidadania e, em especial, daqueles que são responsáveis pela legislação no país”. Ela vê o embrião como um ser humano completo em fase de crescimento “tanto quanto um bebê, uma criança ou um adolescente”. Irmã do cardeal D. Paulo Evaristo Arns, arcebispo emérito de São Paulo, Zilda é também fundadora e coordenadora nacional da Pastoral da Criança e da Pastoral da Pessoa Idosa, organismos de ação social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Viúva desde 1978, mãe de cinco filhos e avó de nove netos, vem recebendo diversas menções especiais e títulos de cidadã honorária no país. Da mesma forma, a Pastoral da Criança já recebeu diversos prêmios pelo trabalho que vem sendo desenvolvido desde a sua fundação. Formada em Medicina, aprofundou-se em Saúde Pública visando a salvar crianças pobres da mortalidade infantil, da desnutrição e da violência em seu contexto familiar e comunitário. Compreendendo que a educação revelou-se a melhor forma de combater a maior parte das doenças de fácil prevenção e a marginalidade das crianças, para otimizar a sua ação, desenvolveu uma metodologia própria de multiplicação do conhecimento e da solidariedade entre as famílias mais pobres.

Confira a entrevista de Zilda Arns concedida por e-mail para a IHU On-Line.

IHU On-Line - Em que a senhora fundamenta sua posição radicalmente contrária ao aborto?

Zilda Arns - Sou absolutamente contra o aborto. Em primeiro lugar, sou a favor da vida, e fundamento meu ponto de vista não somente na fé cristã, mas também na ciência e em aspectos éticos e jurídicos. Já está comprovado cientificamente que o feto é um ser humano completo, desde a sua concepção e, por isso, tem direito à vida, como defende o artigo quinto da Constituição Brasileira¹ e o artigo segundo do Código Civil². Cabe ao

¹ Art. 5º: Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no

Estado o dever de tutelar e proteger a vida do embrião ou do feto de qualquer ameaça, sob pena de violação dos direitos humanos.

Sou médica pediatra e sanitarista, com mais de 47 anos de experiência em saúde pública. Além disso, estou nos últimos 24 anos à frente da Pastoral da Criança

País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. (Nota da *IHU On-Line*)

² Art. 2º: A personalidade civil da pessoa começa do nascimento com vida; mas a lei põe a salvo, desde a concepção, os direitos do nascituro. (Nota da *IHU On-Line*)

(instituição que acompanha 1,9 milhão de crianças com menos de seis anos, em 42 mil comunidades pobres do país). Por isso, tenho a convicção de que medidas educativas e preventivas são as únicas soluções para o problema das gestações não desejadas. Tentar solucionar problemas, como a gravidez indesejada na adolescência, ou atos violentos, como estupros e os milhares de abortos clandestinos realizados a cada ano no País, com a legalização do aborto, é uma ação paliativa, que apontaria o fracasso da sociedade nas áreas da saúde, da educação e da cidadania e, em especial, daqueles que são responsáveis pela legislação no país. Não se pode consertar um crime com outro ainda maior, tirando a vida de um ser humano indefeso. É preciso investir na educação de qualidade, nas famílias e nas escolas.

É preciso, antes de tudo, refletir. Será que nos países em que esse e outros abortos são permitidos, os jovens e as mulheres estão mais conscientes e têm menos problemas? Esta e outras questões estão relacionadas na carta que enviei, no final de 1997, ao Congresso Nacional como apelo da Pastoral da Criança em defesa da Vida, e artigos publicados em revistas e jornais nos últimos anos. Antes de qualquer coisa, é preciso diminuir a desigualdade social e dar mais oportunidades, principalmente às mulheres mais pobres.

IHU On-Line - Como podemos formular a questão do estatuto do embrião, considerando sua implicação na questão do aborto?

Zilda Arns - O embrião é um SER HUMANO completo em fase de crescimento tanto quanto um bebê, uma criança ou um adolescente. Com a evolução das ciências da reprodução humana, mais especialmente nas últimas duas décadas, não há a menor dúvida de que a vida do SER HUMANO se inicia no momento da concepção. Não se trata de um amontoado de células. Quando se dá o encontro gamético, produz-se a primeira unidade da

vida, que contém toda herança genética e todos os requisitos para caracterizar a vida. As novas tecnologias como o ultra-som, o monitoramento do coração do feto, a fetoscopia¹ e a histeroscopia², para acompanhar o que se passa no interior do útero, comprovam ainda que o feto resiste e se defende dos agentes externos, que porventura querem lhe tirar a vida. Para quem se interessar, pode confirmar essas informações assistindo ao vídeo *Grito silencioso*³, que mostra as reações do feto em um processo de aborto induzido, realizado em um país onde a prática é permitida.

IHU On-Line - Como se caracteriza a abordagem ética do aborto?

Zilda Arns - Existe um princípio de injustiça nessa prática. Mais uma vez, ao invés de consertar o tecido social roto, querem jogar sobre a mulher o pesado fardo da injustiça social, oferecendo-lhe a oportunidade de abortar o filho que veio abrigar-se em seu ventre, filho esse que não planejou ou que foi concebido como consequência de um ato violento. Pesquisas da Organização Mundial da Saúde (OMS) et al, publicadas em 1994, comprovam que crianças mal tratadas, oprimidas, violentadas em seu primeiro ano de vida têm forte tendência a se tornarem violentas e criminosas. Portanto, há de se cuidar do ser humano, desde a gestação, e dar prioridade a atender às crianças

¹ **Fetoscopia:** Trata-se de um procedimento onde se associa a ultrasonografia e a videolaparoscopia, com o objetivo de se visualizar diretamente o feto, no interior da cavidade amniótica. Esse procedimento também é conhecido como cirurgia endoscópica fetal. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Histeroscopia:** a Vídeo-histeroscopia é um método que oferece uma imagem direta, tridimensional dos órgãos internos sem que haja intervenção cirúrgica. A histeroscopia é método que já permite ao médico analisar diretamente a cavidade uterina da paciente e encontrar alterações que, sob outros meios, estariam quase ocultas. A técnica pode ser feita em ambulatório. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Disponível em: http://www.silentscream.org/silentsc_port.html (Nota da *IHU On-Line*)

pequenas, menores de seis anos, e, mais especificamente, às crianças menores de um ano, somando as forças das famílias, da sociedade e dos governos, para que o tecido social seja forte e preservado. A ética e a moral não são exclusivas da religião. Devem servir de guia para toda a sociedade, incluindo a ciência e a técnica. Não faltam cientistas, juristas e legisladores que, no exercício de seus mandatos e profissões, têm como objetivo maior a defesa e a promoção da vida, a serviço do bem comum.

IHU On-Line - O aborto é um problema que precisa de uma solução, ou ele pode ser uma solução?

Zilda Arns - Felizmente, muitas pessoas comprometidas com o bem-estar das mulheres optam por vestir a camisa da erradicação da pobreza, da miséria e da ignorância que as oprime, principalmente nos países mais pobres. Para gerar desenvolvimento e, por conseqüência, boas condições de saúde e de vida, é preciso investir em educação de qualidade e criar políticas públicas de assistência materno-infantil, de orientação aos adolescentes, às mulheres e às famílias, a fim de que elas tenham melhores oportunidades de estudo e de desenvolverem-se no futuro. A prática de abortos seria um retrocesso da saúde pública, que, ao invés de investir na qualidade de vida da população, passaria a reproduzir uma cultura de incentivo à morte, à violência.

IHU On-Line - Uma lei a favor pode ser a única resposta ao problema do aborto?

Zilda Arns - Sob o ponto de vista de políticas de saúde, seria muito mais humano e econômico à nação investir em qualidade de vida e melhor assistência à saúde do que investir contra o ser humano indefeso. Não se pode eliminar a pobreza por meio da eliminação dos pobres, assim como não se pode eliminar a violência de uma gravidez indesejada mediante outra forma de violência, como é o aborto. Tenho certeza de que nossos deputados

e senadores não se deixarão seduzir pela cultura da morte e da corrupção e lutarão pelo respeito à vida e por melhor qualidade de vida para todos. Afinal, o Código Civil, no artigo segundo, afirma: “A personalidade civil do homem começa no nascimento com vida; mas a lei põe a salvo desde a concepção os direitos do nascituro”.

IHU On-Line - Como lidar com a mentalidade abortista, tão presente na sociedade, que banaliza a questão do aborto?

Zilda Arns - Feministas famosas, realmente comprometidas com o bem-estar das mulheres, com o evento das novas tecnologias e conhecedoras profundas do sofrimento humano, deixaram a bandeira do aborto e optaram pela bandeira da erradicação da pobreza, da miséria, da ignorância que oprime as mulheres, principalmente nos países em desenvolvimento. Lembrome de médicos, tais como o Dr. Bernard N. Nathanson, M.D. co-fundador da Liga Nacional pelos Direitos ao Aborto nos Estados Unidos, e diretor da maior clínica abortista do mundo, responsável por mais de 75 mil casos desse tipo, converteu-se em defensor da vida, devido a um conhecimento mais profundo do ser humano, pelos avanços da ciência e dos aparelhos de tecnologia avançada. Dr. Nathanson convenceu-se da existência da vida humana desde o momento da concepção. Ele advertiu ainda sobre as estatísticas falsas de morte de mulheres em conseqüência de abortos clandestinos. A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) confirma não existir nenhuma pesquisa sobre esse assunto no Brasil, apesar de muitas vezes serem divulgados falsos dados remetendo ao nome da organização.

IHU On-Line - Podemos conciliar a autonomia e a liberdade da mulher com a vida e a defesa do embrião?

Zilda Arns - Trata-se de um princípio de convivência de dois seres humanos. O “outro” é o limite de nossa

liberdade. Se a mulher tem direitos e deveres, eles não podem interferir ou impedir o direito à vida de outro ser humano, ou seja, o fato de ela ser gestante de um embrião não lhe possibilita qualquer ação que possa prejudicar a vida dele.

IHU On-Line - O que a senhora pensa sobre o plebiscito da descriminalização do aborto?

Zilda Arns - Hoje estou convencida de que o aborto não é matéria para entrar num plebiscito, porque não se pode votar pela vida ou morte de um ser humano inocente e sem defesas.

“Se o aborto é um problema, a sua solução não é o próprio aborto”

ENTREVISTA COM JOSE ROQUE JUNGES

O professor Dr. José Roque Junges, padre jesuíta, do PPG em Ciências da Saúde da Unisinos, é especialista nos temas de Bioética, Ética Ambiental e Saúde Coletiva. Ele contribui com sua reflexão sobre o aborto na edição desta semana, com uma entrevista especial concedida por e-mail. Junges possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidad Católica de Chile e doutorado em Teologia Moral pela Pontifícia Università Gregoriana de Roma, Itália. É também editor associado da Revista Brasileira de Bioética (RBB), vice-presidente da Sociedade Rio-grandense de Bioética e membro da Sociedade Brasileira de Teologia Moral - SBTM. Tem experiência na área de Teologia, Filosofia e ética, com ênfase em bioética. Entre seus livros publicados citamos Bioética: perspectivas e desafios (São Leopoldo: Unisinos, 1999); Ecologia e Criação: resposta cristã à crise ambiental (São Paulo: Loyola 2001); Ética ambiental (São Leopoldo: Unisinos, 2004); Bioética: Hermenêutica e Casuística (São Paulo: Loyola, 2006).

IHU On-Line - Em que consiste a abordagem ética do aborto (bioética hermenêutica) que não se reduz à abordagem jurídica ou sociológica (bioética casuística)?

Jose Roque Junges - O grande sanitarista italiano Giovanni Berlinguer⁶ afirma que o aborto é o lado obscuro das funções reprodutivas humanas, porque é fruto de causas desconhecidas ou de decisões atormentadas, porque termina um processo tendente ao

⁶ G. BERLINGUER, *Bioética cotidiana*. Brasília: Ed. UnB, 2004.

nascimento de um ser humano e porque é sempre um flagelo para as mulheres em idade fértil. Esse lado obscuro, e muitas vezes sofrido do aborto, exige que o tema não seja tratado com leviandade, desconsiderando a complexidade do fenômeno. Por isso, não se pode reduzir a discussão à pura abordagem sociológica fundada em fatos e estatísticas nem à abordagem jurídica em favor ou contra uma lei. Essa perspectiva casuística do “pode” ou “não pode” e das condições para a aceitabilidade de um e de outro desconsidera as questões mais fundamentais, que são éticas. Nesse sentido, é necessário colocar entre parênteses posicionamentos motivados por interesses imediatos e pragmáticos e tentar uma reflexão ética em profundidade que vai aos significados simbólicos das ações humanas. A filósofa francesa Monique Canto-Sperber⁷, referindo-se ao aborto, diz que a reflexão ética pode desempenhar um papel considerável na justificação pública de escolhas e decisões, com a condição de que não seja confundida com o que ela não é: um exame sociológico e uma regulamentação jurídica. A discussão sobre o aborto, em geral, se reduz a essas duas perspectivas. Isso obriga a retornar à especificidade da ética, não entrincheirando-se em um bastião particularista que responde a interesses casuísticos, mas procurando interpretar as questões de fundo envolvidas na questão do aborto, que são simbólicas, pois apontam significados. Daí a necessidade de uma reflexão séria, honesta e serena sobre a questão. Por isso, a discussão não pode ficar reduzida a uma bioética casuística que responde a necessidades imediatas e pragmáticas das ações com vistas a uma pura regulamentação jurídica ou a uma resposta sanitária, mas introduzir a bioética hermenêutica que tenta interpretar as mensagens simbólicas de significado antropológico que as ações expressam. Toda ação moral tem uma dimensão

⁷ M. CANTO-SPERBER, A inquietude moral e a vida humana. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.

pragmática (necessidade) e uma dimensão expressiva ou simbólica (significado). Quanto mais as ações são caracterizadas por uma complexidade simbólica, como é aquela que envolve o aborto, elas não podem ser restringidas a necessidades imediatas, porque passam uma mensagem de fundo que necessita interpretação para uma tomada de consciência ética, em vista da autonomia moral da ação.

IHU On-Line - O aborto é um problema para o qual é necessário encontrar uma solução ou ele é a solução para outras questões em geral não formuladas?

Jose Roque Junges - Essa é uma questão ética prévia necessitada de resposta para a sua definição jurídica. Se o aborto é um problema (por exemplo, os abortos clandestinos), então é necessário propor soluções que possam prevenir a necessidade do recurso ao aborto. Nesse caso, trata-se de propor leis que atacariam as causas do aborto como, por exemplo, o planejamento familiar; a superação da discriminação com as mães solteiras e ajuda aos seus filhos; uma rígida legislação para proteger o emprego da mulher grávida e em tempo fértil; leis que facilitem e promovam a adoção dentro de parâmetros jurídicos; o amparo social vitalício para filhos excepcionais; a introdução do salário maternidade; a multiplicação de creches; a melhoria na situação de pobreza. Portanto, se o aborto é um problema, a sua solução não é o próprio aborto. Não atacando as causas do aborto está se perpetuando a situação social que o provoca. A lei deveria ser no sentido de prevenir o aborto, como muito bem afirma o já citado Giovanni Berlinguer. Mas se o aborto é solução, então é necessário explicitar para quais problemas ele é solução, e se essa é eticamente aceitável para o que ela quer responder. Só para dar um exemplo, se o aborto é proposto como solução para a gravidez de adolescentes, a pergunta a ser feita é se o tipo de cultura sexual a que os jovens hoje são expostos é aceitável e sadia para o seu

desenvolvimento psicológico e moral. Propor o aborto é desviar a questão e não ter a coragem de ir à raiz do problema. Nessa perspectiva, é bom lembrar o desafio posto pelo jornalista Jean-Claude Guillebaud⁸, em seu livro *A tirania do prazer* (Rio de Janeiro: Bertrand, 1999): a necessidade de uma séria revisão crítica dos resultados da revolução sexual, como se fez de outras revoluções modernas que passaram pelo crivo da análise crítica. No entanto, parece que a revolução sexual é ainda uma caixa preta que não se pode tocar. A falta dessa revisão crítica pode, segundo Guillebaud, provocar novamente na cultura uma reação repressiva.

IHU On-Line - O aborto pode ser considerado um método de controle da natalidade?

Jose Roque Junges - Esse seria um outro exemplo de quem propõe o aborto como solução. Quando outros métodos de controle da natalidade falharam, resta para alguns o recurso do aborto. Isso significaria equiparar a eliminação consciente e deliberada de um simples óvulo com a eliminação de um embrião. Tratam-se de realidades diversas que não podem ser colocadas no mesmo patamar, pois o óvulo tem apenas a possibilidade remota potencial de tornar-se um embrião, enquanto o embrião detém as potencialidades genômicas reais de um ser humano. Por isso, o aborto não seria eticamente aceitável como método de controle da natalidade.

IHU On-Line - Em que medida se pode relacionar o fenômeno do aborto com a mentalidade abortista que banaliza a questão?

⁸ Jean-Claude Guillebaud: é jornalista, ensaísta e diretor literário da prestigiada Editora francesa Seuil; autor de diversas obras, entre elas *A traição do Iluminismo* - Prêmio Jean Jacques Rousseau, 1995 e *A tirania do prazer* - Prêmio Renaudot de Ensaio, 1998, sendo referência obrigatória nas interlocuções de um possível "neocristianismo", defendido por teólogos protestantes e católicos, que recuperam as bases cristãs dentro de uma epistemologia coerente, não alicerçada somente no irracionalismo da fé. (Nota da IHU On-Line)

Jose Roque Junges - Abortos sempre aconteceram, considerados como um último recurso e assumidos como um mal inevitável, porque não havia outra saída. A própria doutrina moral católica aceita a possibilidade do aborto chamado de indireto pelo princípio do duplo efeito⁹. A diferença em relação aos nossos tempos é que o aborto está se tornando um fato aceito como normal e corriqueiro, não mais uma pura saída para situações extremas, mas até um direito a se exigir. Esse fenômeno sociocultural do surgimento de uma mentalidade abortista é um desafio, porque leva a banalizar o aborto, à medida que ele é colocado ao lado de outras intervenções médicas, esvaziando-o de sua complexidade simbólica. Essa mentalidade faz parte de um paradigma cultural mais amplo de inspiração liberal, centrado no indivíduo autônomo. Esse paradigma moderno, e sua conseqüente mentalidade, está sendo criticado pela sua perspectiva individualista, carente da dimensão inter-relacional. Ele pode ser apontado como causa das mazelas sociais e morais da sociedade atual. A questão ecológica é apenas um exemplo desta falta de sensibilidade para o contexto inter-relacional. Vivemos numa sociedade de indivíduos centrada na reivindicação dos direitos de cada um e com pouca consciência para as interdependências. A discussão sobre aborto pode ser afetada por essa dinâmica cultural, ficando reduzida à questão jurídica de quem é detentor de direitos: a mulher ou o embrião. Introduzindo o paradigma relacional, o enfoque será outro. Essa é a proposta do jurista italiano Francesco D'Agostino¹⁰, no sentido de contrapor ao paradigma individualístico-libertário, para o

⁹ Princípio do duplo efeito: Aborto em casos obstétricos em que o agravamento do mau estado de saúde da gestante coloca o médico na situação de ver esvaírem-se duas vidas humanas, sem dispor de recursos eficazes para tentar a salvação de ambas. Ocorre em casos como a gravidez ectópica, carcinoma do cervix uterino, ou câncer do ovário ou do útero. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ F. D'AGOSTINO, *Bioética segundo o enfoque da Filosofia do Direito*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.

qual o direito serve para garantir os direitos dos indivíduos, o paradigma relacional, no qual o sistema jurídico serve para defender as expectativas da pessoa em sua realidade de sujeito-em-relação. Para esse paradigma, é juridicamente ilícita toda modalidade de relação que altere a simetria da reciprocidade, dando a um dos elos poderes e privilégios que o outro elo não detém. Para essa compreensão, não são defensáveis bens e valores que sejam incompatíveis com a lógica da reciprocidade. Se o aborto for compreendido na perspectiva relacional, ele aparecerá sob outro enfoque jurídico. Mas, para isso, é necessário introduzir a questão do estatuto do embrião.

IHU On-Line - Como se formula a questão do estatuto do embrião, considerando sua implicação na questão do aborto?

Jose Roque Junges - Gostaria de iniciar com a afirmação do pioneiro na pesquisa da reprodução humana na França, Jacques Testart¹¹, que se encontra na entrevista dada à revista *La Vie*: “Eu sou ateu e não creio que o embrião seja sagrado, mas para mim ele merece respeito e não pode ser considerado como um material à imagem de um embrião de rato”. Essa afirmação de um ateu ajuda a rebater aqueles que desconsideram e desautorizam como interlocutor na discussão qualquer pessoa que defende o embrião como sendo motivada por uma mentalidade religiosa, com argumentos confessionais de autoridade e não livre para refletir e discutir. A discussão sobre o estatuto do embrião deve, antes de nada, ser uma discussão ética que não pode estar fundada em dogmas religiosos e muito menos em seus substitutivos atuais, os dogmas científicos. Se a discussão sobre o aborto não se fecha às questões simbólicas de fundo implicadas, termina colocando a questão do estatuto do embrião. Nessa discussão, é

¹¹ Deste autor é conhecido entre nós o seu livro J. TESTART, *O ovo transparente*. São Paulo: Ed. Edusp, 1995.

necessário explicitar a posição em relação ao embrião, porque ela expressa a complexidade simbólica do fato. A definição do estatuto do embrião não é uma questão casuística como é o caso da reanimação ou não de um neo-nato em situação desastrosa ou de um aborto para salvar a vida da mãe. O estatuto é uma questão diferente e superior. Não se trata de aplicar princípios, mas de se dar princípios ou reconhecê-los como agente moral. Não se trata de decidir uma ação concreta, mas de identificar moralmente um ser. Neste caso, é necessário abstrair de fatos concretos e delimitações para adquirir o ponto de vista moral caracterizado como desinteressado e imparcial. Por isso, o ponto de partida não pode ser jurídico, interessado em criar regras coletivas entre iguais, mas ético, significando posicionar-se como agente moral diante de alguém ainda não participante do consenso e do qual ainda não posso ter experiência de um outro como um eu. Quem argumentou sobre essa questão de uma maneira consistente foi Vincent Bourguet, em seu livro *O ser em gestação: reflexões bioéticas sobre o embrião humano*¹². Para ele, a definição do estatuto do embrião depende da resposta a duas questões. A primeira deve ser dada pela ciência: o embrião é uma individualidade biológica humana. A segunda, por sua vez, deve ser respondida pela ética: essa individualidade merece a categoria moral (não ontológica) de pessoa identificada com respeito. Quanto à primeira, ela examina as teorias científicas de definição da individualidade de qualquer ser vivo que, em última análise, é sempre processual e definido, segundo Bourguet, pelo genoma. Aqui aparece o clássico contra-argumento dos gêmeos monozigóticos, rebatido por ele, porque se confunde a cisão do conjunto celular inicial em dois com a segmentação celular dos seres vivos unicelulares ou com a mitose das células sexuais reprodutivas. A segunda questão é essencialmente ética:

¹² V. BOURGUET, *O ser em gestação: reflexões bioéticas sobre o embrião humano*. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

em que medida essa individualidade biológica humana merece, no sentido moral, o respeito devido a uma pessoa? Aqui o autor fundamenta-se em Kant¹³, Husserl¹⁴ e Levinas¹⁵.

IHU On-Line - É possível conjugar a defesa e a autonomia da mulher e a defesa do embrião?

Jose Roque Junges - Esses posicionamentos antagônicos são o pomo da discórdia entre o grupo *Pro-life*, que defende o respeito ao embrião, e o grupo *Pro-choice*, que defende a autonomia da mulher. Eles

¹³ Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os *Cadernos IHU em formação* estão disponíveis para download na página www.unisinos.br/ihu do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁴ Edmund Husserl (1859-1938): filósofo alemão, principal representante do movimento fenomenológico. Marx e Nietzsche, até então ignorados, influenciaram profundamente Husserl, que era um crítico do idealismo kantiano. Husserl apresenta como idéia fundamental de seu antipsicologismo a “intencionalidade da consciência”, desenvolvendo conceitos como o da intuição *eidética* e *epoché*. Pragmático, Husserl teve como discípulos Martin Heidegger, Sartre e outros. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁵ Emmanuel Levinas: filósofo e comentador talmúdico, nasceu em 1906, na Lituânia, e faleceu em 1995, na França. Desde 1930 era naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger, cuja obra *Ser e tempo*, de 1927, o influenciou muito. “A ética precede a ontologia” é uma frase que caracteriza o pensamento de Levinas. Ele é autor do livro que o consagrou *Totalité et infini. Essai sur l'extériorité* que foi traduzido para o português com o título *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 2000. No Brasil, a Editora Perspectiva, publicou *Quatro leituras talmúdicas*, em 2003, e a Editora Vozes, *De Deus que vem a idéia*, em 2002. (Nota da *IHU On-Line*)

parecem irreconciliáveis. Um grupo de mulheres americanas (3 *Pro-life* e 3 *Pro-choice*) tentaram dialogar sobre o aborto, por inspiração do Arcebispo católico de Boston e do Governador de Massachussets da época, em resposta ao clima tenso criado pela tragédia perpetrada por John Salvi, na cidade de Boston, em 30 de dezembro de 1994, contra clínicas que praticavam aborto, assassinando duas funcionárias e ferindo outras. A fúria homicida de Salvi deixou enraivecidos os membros do *Pro-choice* e preocupados os do *Pro-life* pelas repercussões em função da causa. O grupo dialogou durante três anos, constatando que nunca chegariam a um acordo, mas que era possível conversar sobre o tema de uma maneira respeitosa para explicitar e tentar entender as razões de uma e outra posição. Embora não haja acordo, creio que é possível ao menos tentar entender a perspectiva da outra posição. Os que defendem a autonomia da mulher tentam abrir-se para compreender o significado antropológico e simbólico do embrião e suas implicações morais, e os que defendem o embrião tentam entender o sofrimento e o beco sem saída em que se encontram mulheres em situação de abortar. As mulheres não abortam por bel-prazer, pois o aborto, em geral, é fruto de decisões atormentadas. Por outro lado, aos que defendem a pura autonomia na decisão de abortar, é necessário perguntar a que tipo de autonomia se referem. Trata-se da autonomia individualista, isenta da dimensão inter-relacional e da interdependência que privatiza a questão do aborto? Essa compreensão de autonomia está justamente na raiz das conseqüências negativas da modernidade que estão sendo questionadas

“A questão da discussão do aborto é urgente”

ENTREVISTA COM JOSE ROBERTO GOLDIM

José Roberto Goldim, do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, acredita que “é equivocado tratar do aborto descontextualizando o tema de suas múltiplas interfaces. A visão do tema, dentro de uma perspectiva de uma sociedade pluralista, é bastante desafiadora. Temos que buscar encontrar alguns consensos possíveis, e não uma resolução completa do tema”.

Goldim concluiu o doutorado em Medicina (Clínica Médica) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1999. Atualmente, é biólogo do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, professor convidado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professor adjunto da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, professor convidado da Universidade do Porto e da Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul, biólogo do Conselho Regional de Biologia 3ª Região, membro do Conselho Consultivo da Sociedade de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, membro de Comitê do Hospital Moinhos de Vento e sócio fundador da Sociedade Rio-grandense de Bioética. Possui 10 livros publicados, entre eles Aspectos éticos e legais dos transplantes de órgãos (2. ed. Porto Alegre: HCPA, 1996); Pesquisa em saúde: leis, normas e diretrizes (3. ed. Porto Alegre: HCPA, 1997); e Consentimento Informado e a sua prática na assistência e pesquisa no Brasil (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000).

Goldim concedeu uma entrevista na edição número 205 da IHU On-Line, de 20 de novembro de 2006, sobre o filme O jardineiro fiel, exibido no dia 21 de novembro de 2006 durante o Ciclo Cinema e Saúde Coletiva, promovido pelo IHU.

A seguir, a íntegra da entrevista que ele concedeu por e-mail sobre o tema do aborto:

IHU On-Line - Como se formula a questão do estatuto do embrião, considerando sua implicação na questão do aborto?

Jose Roberto Goldim - A questão do estatuto do embrião deve ser discutida e refletida pelo conjunto da sociedade em todas as suas possíveis implicações e não apenas em relação à questão do aborto. Os embriões e fetos passaram a fazer parte do conjunto de seres morais que merecem uma ampla reflexão em relação aos

limites de ações que podem ser feitas com eles. Trata-se de uma questão muito nova, que é uma continuidade da discussão sobre o estatuto da mulher, da criança, das minorias.

IHU On-Line - Em que consiste a abordagem ética do aborto (bioética hermenêutica) que não se reduz à abordagem jurídica ou sociológica (bioética casuística)?

Jose Roberto Goldim - A reflexão bioética, no sentido hermenêutico, como preconizado pelo professor José Roque Junges¹⁶, é uma ampla abordagem dos aspectos teóricos, envolvendo as diferentes escolas éticas e bioéticas a respeito do tema. Na visão Principlista, o tema fundamental é caracterizar se o embrião pode ser merecedor do princípio do Respeito à Pessoa¹⁷. Caso o seja, a questão da privacidade corporal passa a fazer parte da pauta das discussões. Da mesma forma, a questão da Beneficência, entendida no seu sentido mais amplo de fazer o Bem e evitar o Mal, também entra nesta abordagem. Por fim, o princípio da Justiça pode debruçar-se sobre o dever de todos nós perante o embrião. Se a abordagem muda para a Teoria dos Direitos Humanos, a principal questão passa a ser o reconhecimento do embrião como detentor de direitos, a começar pelo direito à vida. Na visão da Ética das Virtudes¹⁸, poderiam ser feitas considerações de quais virtudes, isto é, traços de caráter adequados, nós precisamos ter frente a um embrião. Por exemplo, podemos ter compaixão e misericórdia por um embrião? O embrião já é capaz de ser amado? Por fim, uma última escola que poderia ser utilizada é a da Alteridade. O embrião pode ser considerado como um outro que me

¹⁶ Professor no PPG em Ciências da Saúde da Unisinos. Confira, nesta edição, uma entrevista exclusiva com ele. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁷ O Princípio do Respeito à Pessoa ou da autonomia, aspecto central na bioética, deve garantir que a privacidade, a veracidade e a autonomia dos indivíduos envolvidos em qualquer pesquisa sejam resguardadas. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁸ A teoria da virtude baseia-se em grande parte na *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, sendo, por isso, às vezes, conhecida como neo-aristotelismo. Ao contrário dos kantianos e dos utilitaristas, que se concentram tipicamente na retidão ou não de ações particulares, os teóricos da virtude concentram-se no caráter e estão interessados na vida da pessoa como um todo. A questão central para os teóricos da virtude é “Como devo viver?”. A resposta por eles dada a esta questão é: cultive as virtudes. Só cultivando as virtudes poderemos prosperar como seres humanos. (Nota da *IHU On-Line*)

gera responsabilidades e que me permite reconhecer a mim próprio?

Estas seriam algumas poucas questões dentre outras tantas que poderiam ser pensadas.

IHU On-Line - O aborto é um problema para o qual é necessário encontrar uma solução ou é uma solução para outra questão não formulada?

Jose Roberto Goldim - A questão da discussão do aborto é urgente. É fundamental discutir este tema, que é um dos mais delicados e difíceis de serem abordados. É equivocado, no entanto, tratar do aborto descontextualizando o tema de suas múltiplas interfaces. A visão do tema, dentro de uma perspectiva de uma sociedade pluralista, é bastante desafiadora. Temos que buscar encontrar alguns consensos possíveis, e não uma resolução completa do tema.

IHU On-Line - O problema do aborto poderia ter uma outra solução do que uma lei a favor ou essa é a única resposta?

Jose Roberto Goldim - A solução legal é uma dentre tantas. Pode resolver ou aprofundar ainda mais a distância entre a prática e o ideal jurídico proposto. Mais importante do que propor uma lei é acatá-la. É discutir uma proposta de lei capaz de refletir um consenso da sociedade sobre o tema, quando então a lei que dele emerge se torna uma resposta a esta questão e não um desafio ou uma ameaça.

IHU On-Line - Em que medida se pode relacionar o fenômeno do aborto com a mentalidade abortista que banaliza a questão?

Jose Roberto Goldim - Todos os temas têm diferentes questões e pontos de vista. Qualquer assunto nos mobiliza, nos faz pensar em um posicionamento. As intuições morais e as escolhas morais fazem parte do nosso dia-a-dia. O importante é reconhecer o que é

crença ou desejo associado a uma discussão. O importante é trazer para o plano racional de deliberação o tema proposto, reconhecendo que as pessoas têm crenças e podem ser totalmente antagônicas, mas, mesmo assim, devem ser respeitadas e discutidas. Desta discussão pode emergir algo novo que permita construir uma solução e não a perpetuação do conflito.

IHU On-Line - É possível conjugar a defesa e a autonomia da mulher com a defesa do embrião?

Jose Roberto Goldim - A questão do aborto não pode ser reduzida ao enfrentamento entre a autonomia da mulher e a defesa do embrião. Se formos discutir esta questão de forma mais consequente, devemos pensar na questão do reconhecimento do embrião como pessoa ou não. Se desqualificarmos o embrião como pessoa, a questão se resolve facilmente. Se for aceito o critério de pessoa, deve-se cotejá-lo frente ao novo conflito que emerge, ou seja, um conflito entre autonomias da mulher e do embrião. Porém, não se pode reduzir uma

questão tão complexa quanto esta ao simples choque entre duas autonomias pessoais. A discussão vai muito além, aprofundando-se de maneira impressionante.

IHU On-Line - O aborto pode ser considerado um método de controle da natalidade?

Jose Roberto Goldim - De acordo com o estatuto conferido ao embrião, esta resposta pode ser sim ou não. O importante é não simplificar a questão. Toda simplificação implica em perda de complexidade, a qual gera mais incerteza pela perda de informações que o próprio processo de simplificação acarretou. Volto a repetir: o importante, nesta e em outras questões polêmicas, é manter o diálogo, permitindo que as diferentes correntes compartilhem suas ansiedades, desejos e crenças associados ao tema. A estruturação adequada do referencial e da experiência já acumulada sobre o tema permitirão chegar a alguns consensos, talvez não a uma solução ampla e final, mas a uma possível, dentro das circunstâncias atuais.

“Consideramos necessário conciliar a defesa do feto com a defesa da mulher”

ENTREVISTA COM DIETMAR MIETH E IRENE MIETH

“Consideramos necessário conectar a defesa do feto com a defesa da mulher. A autodeterminação é importante, porém, do ponto de vista moral, não pode ser entendida como arbitrariedade, pois então o resultado de uma decisão seria moralmente indiferente.” A afirmação é do casal de pesquisadores Dietmar e Irene Mieth em entrevista por e-mail, concedida por ambos com exclusividade à IHU On-Line.

Nascido em Berlim, em 1940, Dietmar Mieth estudou Teologia e Filosofia em Freiburg, em Trier e em Munique. Desde 1981, é professor de ética teológica, com ênfase na ciência da sociedade, na Universidade de Tübingen. Este teólogo moral desenvolveu o Centro para a ética nas ciências na universidade de Tübingen. Desde 1994, Mieth é membro do grupo consultivo da Comissão Européia de Ética, em Bruxelas. Conduz também a rede européia para a ética biomédica. Além disso, desde 1999, é deputado-presidente do conselheiro de ética do departamento federal de saúde na Alemanha. Em suas pesquisas, Mieth destaca todas as escalas éticas, tais como ética do trabalho, ética do esporte, teoria da criação e tecnologia ambiental. Dietmar é autor de A ditadura dos genes: A biotecnologia entre a viabilidade técnica e a dignidade humana (Editora Vozes, 2001) e Che cosa vogliamo potere? Etica nell'epoca della biotecnica (O que queremos poder? Ética na época da biotécnica), Brescia: Queriniana, 2003, entre outras obras. Irene Mieth é autora de Katechese in der küche. Kinderfragen verlangen antwort.

IHU On-Line - Como se formula a questão do estatuto do embrião, considerando sua implicação na questão do aborto?

Dietmar e Irene Mieth - A discussão em torno do embrião *in vitro* está conexa com aquela em torno do feto *in vivo*, quando se considera a continuidade do desenvolvimento. Também o embrião fica sob o critério da dignidade humana, que vale independentemente do estado de desenvolvimento e independentemente de propriedades de pessoas humanas. Mas os problemas da gravidez e os problemas *in vitro* são diferentes. Na

gravidez, a ética busca o vínculo entre o direito à vida do feto e o futuro da mãe; na fertilização *in vitro*, o embrião se torna material de pesquisa fora do desejo paterno/materno de ter um filho. Isso, ao nosso ver, não pode ser eticamente aceito.

IHU On-Line - Em que consiste a abordagem ética do aborto (bioética hermenêutica) que não se reduz à abordagem jurídica ou sociológica (bioética casuística)?

Dietmar e Irene Mieth - Uma bioética hermenêutica parte simultaneamente de princípios, isto é, da

indivisível dignidade humana, da qual falamos, e dos direitos humanos, que dizem respeito a todo aquele que faz parte da humanidade. Mas, ao mesmo tempo, ela também levanta questões que dizem respeito à própria ciência e a suas intenções e, respectivamente, perspectivas, por exemplo, a da exigência por transparência e pela exatidão científica e probabilidade de opções, que afirmam poder ajudar o ser humano. Esta exigência não é até agora cumprida pela ciência.

IHU On-Line - O aborto é um problema para o qual é preciso encontrar uma solução ou é uma solução para outra questão não formulada?

Dietmar e Irene Mieth - A freqüente interrupção da gravidez por razões de má situação social não repousa simplesmente apenas em decisões subjetivas, mas também, e, sobretudo, num desenvolvimento social inadequado: apoio insuficiente para relações e uma gravidez prematura, aceitação familiar inexistente, falta de esclarecimento e aconselhamento, indiferença dos homens. Parece-nos paradoxal que, por exemplo, na mentalidade defendida pela mídia, é solicitado, de um lado, um frio planejamento da natalidade e, de outro, um amor romântico (não racional e muito emocional).

IHU On-Line - O problema do aborto poderia ter uma outra solução do que uma lei a favor, ou essa é a única resposta?

Dietmar e Irene Mieth - Uma política social é, por isso, mais importante do que o direito penal. Quem usa indevidamente o direito penal como substitutivo do direito social transfere o problema da decisão a mulheres fortemente oneradas.

IHU On-Line - Em que medida se pode relacionar o fenômeno do aborto com a mentalidade abortista que banaliza a questão?

Dietmar e Irene Mieth - A banalização do problema existe em ampla difusão, enquanto a interrupção da gravidez é explicada e empregada como método de controle da natalidade. Infelizmente, as pessoas orientam sua moral pelo direito penal, ao invés de distinguir aqui exatamente o que é bom e certo daquilo que é punível. Uma ofensiva moral deveria situar-se na possibilidade de uma vida com filhos.

IHU On-Line - É possível conjugar a defesa e a autonomia da mulher com a defesa do embrião?

Dietmar e Irene Mieth - Consideramos necessário conectar a defesa do feto com a defesa da mulher. A autodeterminação é importante. Porém, do ponto de vista moral, não pode ser entendida como arbitrariedade, pois então o resultado de uma decisão seria moralmente indiferente. Disso não se pode falar aqui. A autonomia é com freqüência instrumentalizada, sendo atribuída a âmbitos onde se quer afastá-la da responsabilidade social de todos, principalmente dos homens. Uma autodeterminação responsável pressupõe possibilidades de orientação e aconselhamento. Muitas mulheres experimentam muito bem o direito do bebê em formação como exigência moral, mas elas querem saber como podem fazer isso e o que devem cumprir - também segundo a própria opinião. Trata-se, por conseguinte, de contribuir para a auto-realização da mulher com filho. Para este fim, deve-se proceder sócio-juridicamente a uma conexão da paternidade/maternidade com caminhos de formação e vocação, com a possibilidade de uma formação familiar precoce e a desoneração social de educadores isolados, entre outros.

IHU On-Line - O aborto pode ser considerado um método de controle da natalidade?

Dietmar e Irene Mieth - Não, o controle da natalidade impede o surgimento de um embrião, enquanto o aborto tira a vida do embrião. Há, sem dúvida, meios de

regulação da natalidade como a espiral ou alguns bloqueadores da ovulação, os quais, como segundo nível de controle, também prevêm o efeito abortivo. Isto é, com frequência, tomado como exemplo de uma dupla moral, quando o direito prevê isto, mas reage severamente ao aborto. Com a nidificação do embrião no útero dá-se, evidentemente, uma relação mais intensiva

que reforça uma obrigação moral, a qual também existe frente a embriões antes da nidificação. Aqui se diz, com frequência, que a “natureza” muitas vezes impede por si mesma a nidificação. Mas a natureza também não tem nenhuma responsabilidade moral, pois ela é moralmente cega.

“O aborto é um assunto de ordem plural, de saúde pública, um problema social e familiar”

ENTREVISTA COM ELAINE NEUENFELDT

Elaine Gleci Neuenfeldt, professora da Cátedra de Teologia Feminista da Escola Superior de Teologia, possui graduação em Teologia pela Escola Superior de Teologia, e mestrado e doutorado em Teologia pelo Instituto Ecumênico de Pós Graduação (IEPG). Atualmente, desenvolve o projeto de pesquisa intitulado “Itinerários e errâncias da sexualidade, dos direitos reprodutivos e do aborto: abordagens bíblico-teológicas”. Elaine é também pastora voluntária na Igreja Evangélica de Confissão Luterana, assessora e diretora do Centro de Estudos Bíblicos. Tem experiência na área de Teologia e Bíblia, com ênfase em Estudos de Gênero, atuando principalmente com os seguintes temas: gênero, teologia feminista, estudos bíblicos, leitura popular da bíblia e hermenêutica feminista.

IHU On-Line - Como se formula a questão do estatuto do embrião, considerando sua implicação na questão do aborto?

Elaine Neuenfeldt - Há diferentes posições sobre esta questão. A ciência não tem uma resposta única nem um consenso para dizer quando a vida humana começa. Talvez este também seja um viés equivocado de se introduzir o debate sobre a interrupção voluntária de uma gravidez indesejada. A discussão sobre a capacidade de decisão da mulher em assuntos envolvendo a sua vida reprodutiva não deveria ser reduzida a estabelecer um tempo oportuno em que se pode intervir no processo de gravidez.

Uma possibilidade é definir o embrião como pessoa em potencial, uma vez que este não tem desenvolvido uma unidade corporal que consiga uma viabilidade de vida. Na verdade, seria mais adequado se falássemos em processo vital em andamento, ou seja, entender que há momentos que vão sendo definidos na medida em que o tempo vai acontecendo, entre a concepção e a gravidez, no seu tempo de nove meses. Entre a concepção e o anidamento do óvulo fecundado no útero, são necessários em torno de 14 dias. Neste processo, o zigoto nem sempre completa o seu anidamento no útero, mas é eliminado “naturalmente”, resultando na menstruação. A

viabilidade de vida só ocorre após 28 semanas de gravidez, quando a capacidade neurológica do feto já se encontra mais estabelecida.

Neste processo, em algum momento dos primeiros tempos de vida é que nos tornamos pessoas. Isto implica dizer que a noção de pessoa está construída a partir da responsabilidade nas decisões das partes envolvidas no processo de reprodução humana, bem como a partir da relação gradativa que o feto vai estabelecendo com a mãe e da comunicação com o meio em que se está sendo gestado. Algo que o embrião, embora geneticamente completo a partir da concepção e, portanto, a caminho de nascer como ser humano, desenvolve somente aos poucos.

IHU On-Line - Em que consiste a abordagem ética do aborto (bioética hermenêutica) que não reduz à abordagem jurídica ou sociológica (bioética casuística)?

Elaine Neuenfeldt - É preciso inserir o debate em torno da capacidade de decidir com responsabilidade na interrupção de uma gravidez no campo da ética. De ética também se trata quando a hipocrisia salta aos olhos nas posturas que supostamente se dizem em defesa da vida, mas não demonstram o menor compromisso com pessoas que morrem de fome, na miséria, excluídas de qualquer dignidade. A perspectiva ética deve ser introduzida, pois assim vamos perguntar pela capacidade das mulheres de decidir com responsabilidade em assuntos referentes ao seu corpo/corporeidade, à sexualidade e à reprodução. Esta capacidade ou direito de decidir não deve ser visto de forma individualizada (ou seja, o problema ser considerado apenas das mulheres), mas este é um assunto que requer responsabilização dos homens também.

Atualmente, com a lei que penaliza as mulheres, os homens estão completamente desresponsabilizados. Se há uma gravidez não desejada, houve um homem envolvido antes com esta mulher. A pergunta é: “Onde se

encontra este homem na hora de esta mulher tomar esta difícil e dolorosa decisão sobre a possibilidade de levar adiante ou não esta gravidez?”. A sociedade isenta o homem da responsabilidade, ao culpabilizar a mulher sobre a decisão que ela vai tomar na solidão. Nesta linha, ainda fica um desafio grande para as igrejas: quando levantam o assunto, raramente remetem para a responsabilização dos homens, para o compromisso dos homens de discutir a sua participação nos assuntos da sexualidade e reprodução. E aqui é mister discutir assuntos como a violência sexista, o estupro, o incesto e outras tantas formas de violência sexual que, segundo dados estatísticos, tem os homens como perpetradores.

Cobrar posturas éticas tem a ver com olhar o ambiente, o entorno e a realidade que cercam as mulheres que precisam decidir responsabilmente. Ética tem relação com cuidado e acolhida, e também com acompanhamento pastoral, capaz de ajudar nas decisões que envolvam assuntos da viabilidade de uma gravidez. Por mais doloroso que seja, muitas vezes interromper uma gravidez não desejada pode ser ainda uma possibilidade melhor disponível neste momento e nesta situação para a mulher envolvida.

IHU On-Line - O aborto é um problema para o qual é necessário encontrar uma solução ou é uma solução para outra questão não formulada?

Elaine Neuenfeldt - Discutir a interrupção da gravidez no campo da ética implica primeiro reconhecer as mulheres como sujeitos capazes de tomar decisões éticas com responsabilidade. E, aqui, precisa-se desconstruir a idéia de que quem advoga pelo direito e capacidade de decisão das mulheres é pró-aborto ou tem uma mentalidade abortista. Esta é uma avaliação equivocada e, que na maioria das vezes, reflete um pré-julgamento sobre a situação. Não se trata de defender o aborto como solução.

O conflito de direitos ocorre entre a viabilidade de levar adiante uma gravidez não desejada, da capacidade de agüentar o desenvolvimento desta gravidez por parte da mulher, e o estatuto de ser humano, por causa da sua adscrição ao gênero humano, do embrião. A decisão se coloca, então, não num nível de escolher entre uma coisa boa e outra má, mas entre duas situações difíceis e dolorosas. Cabe aqui ao sujeito de direito a responsabilidade de seguir ou interromper com o processo de gravidez. Nunca será uma decisão fácil e ligeira, capaz de levar a um resultado de alegria. Sempre será um momento de solidão, de dor e sofrimento. Fantasia quem proclama o contrário. Não conhece o sofrimento e não ouviu de forma solidária o testemunho de mulheres que já passaram por esta situação quem diz que elas usariam o aborto de forma irresponsável e rápida demais se ele fosse descriminalizado.

A postura que levanta a necessidade de solidariedade ontológica humana, e, por isso, respeito pelo zigoto, para ser coerente, deveria remeter a mesma pergunta pela solidariedade com as mulheres e sua integridade psicológica, física e moral. Isto requer perguntar se ela tem condições reais de levar adiante esta gravidez. Nem sempre a gravidez é resultado de um engendramento acordado entre duas pessoas, de um ato de amor. Muitas vezes, há violência sexual, desconhecimento do corpo, incapacidade de gerir a própria vida de forma satisfatória que se atravessam como realidades constitutivas da vida sexual e reprodutiva das mulheres.

IHU On-Line - O problema do aborto poderia ter uma outra solução do que uma lei a favor ou essa é a única resposta?

Elaine Neuenfeldt - Uma resposta que se limita a dizer a favor ou contra não consegue estabelecer uma agenda mínima para um diálogo. O desafio hoje se coloca em construir uma agenda que seja capaz de superar o embate das posições antagônicas. São pressupostos, para

um diálogo, posturas de escuta ativa e participativa e escuta solidária das mulheres que passam por situações onde precisam tomar decisões difíceis. Diálogo implica em escutar as vozes e reconhecer as mulheres como sujeitos capazes de tomar decisões éticas com responsabilidade.

Uma postura que promoveria reflexões capazes de abrir para um debate mais amplo, envolvendo diferentes sujeitos sociais em termos pedagógicos e pastorais, poderia ser: manifestar a opinião contrária à banalização do aborto, ir além de posições simplistas, extremistas ou fundamentalistas, e manifestar a contrariedade a uma lei que pune e criminaliza a mulher. O aborto é um assunto de ordem plural, de saúde pública, um problema social e familiar. Sendo plural, irá requerer manifestações e debates plurais e abertos. Posturas fechadas e condenatórias ou simplistas não ajudam para dar continuidade ao tema.

IHU On-Line - Em que medida se pode relacionar o fenômeno do aborto com a mentalidade abortista que banaliza a questão?

Elaine Neuenfeldt - Em primeiro lugar, é preciso entender o que se quer dizer quando se formula a idéia de mentalidade abortista, conforme eu já disse acima. Entendo que advogar pela capacidade moral de mulheres tomarem decisões éticas com responsabilidade está longe de carregar em si o que se tem tentado chamar de mentalidade abortista. Banalizar o assunto seria, no meu entendimento, obviar a realidade brutal que faz com que no Brasil o aborto seja a quarta causa de mortalidade materna. E ainda pior é saber que se os dados estatísticos registrassem de forma correta os números, seriam ainda maiores. Estima-se que ocorram um milhão de abortos clandestinos no país a cada ano. Uma grande parte dessas mulheres são meninas com idade de até 15 anos, ou mulheres separadas ou solteiras. A maioria delas é pobre e sem condições financeiras para receber um

atendimento adequado. Banalizar o aborto é não tomar em conta esta realidade, e seguir dizendo que se defende a vida.

IHU On-Line - É possível conjugar a defesa e a autonomia da mulher e a defesa do embrião?

Elaine Neuenfeldt - É preciso situar a discussão da decisão de interrupção voluntária da gravidez com a mentalidade construída para as mulheres que as impele para a maternidade compulsória. A sociedade parece só reconhecer as mulheres em seu papel de mãe. Ampliar o entendimento, incluindo mulheres e a sua situação de gravidez, acontecerá na medida em que o sujeito social mulher seja colocado mais na roda do debate quando se trata dos direitos reprodutivos. Implica também entender que quando se fala em direitos reprodutivos quer-se dizer algo mais amplo que só debater sobre o aborto: discussões da sexualidade em geral, ou quando, com quem, quantos, em que época, e como se quer ter filhos e filhas.

É possível então, conjugar estas duas defesas, quando se trabalha pela educação sexual nas escolas, nos espaços comunitários, quando ações concretas para eliminar a ignorância em assuntos de saúde reprodutiva são desenvolvidas e propostas, em todos os âmbitos. Defesa de vida tem a ver com educação e apoio familiar, sensibilizando tanto homens como mulheres para atitudes conseqüentes e responsabilidade por seus atos. Defesa de vida, por sua vez, tem a ver com uma postura crítica a um sistema econômico que gera pobreza e exclusão. É fato que a maioria das mulheres que toma a decisão de interromper uma gravidez não desejada o faz porque está sozinha e não consegue vislumbrar possibilidades de ter uma criança nesta situação, como já disse.

Em termos de argumentação cristã, eu formulo minha postura com base na idéia bíblica do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes e na abundância da graça de Deus para toda pessoa. A pessoa humana tem acesso direto a Deus e, diante desta realidade, tem a habilidade e a responsabilidade moral de conhecer e praticar a Sua vontade. É pretensão autoritária querer se colocar de agente moral intermediário único, que controla e limita o diálogo com Deus. As Igrejas têm papel fundamental na orientação de caminhos que levem a atitudes responsáveis. Contudo, não podem requerer para si a exclusividade do agenciamento moral e ético. A graça de Deus é ampla e acolhedora para aquelas que, com responsabilidade, fazem suas escolhas no campo da reprodução e da sexualidade. A graça se estende sobre as que decidem pela maternidade, mas também sobre aquelas que, em meio a ambigüidades e conflitos, a dores e temores, precisam tomar a difícil decisão de interromper uma gravidez inviável.

IHU On-Line - O aborto pode ser considerado um método de controle da natalidade?

Elaine Neuenfeldt - Não. E vejo que dificilmente algum grupo de mulheres, feminista ou outro, discute nesta linha. Este é problema quando se reduz o tema do aborto a posições antagônicas, de ser contra ou a favor. Ou quando não se consegue estabelecer uma agenda mínima de diálogo e se pressupõe o que o outro lado está querendo dizer. Dialogar requer ouvir primeiro para depois emitir idéias e conceitos. Implica também, e fundamentalmente, desarmar-se de posições fechadas. Deve-se ouvir o testemunho de mulheres e permitir que a sua voz e sua experiência de vida construam argumentos visando a conceitos que não banalizem nem cristalizem posições.

Teologia Pública

“A Igreja não dispõe nem de poder nem de solução mágica para resolver a questão da maioria de seus fiéis, que são pobres”

ENTREVISTA COM MARIO DE FRANÇA MIRANDA

O jesuíta Mario de França Miranda, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, fala sobre os desafios da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (Celam), em Aparecida. Ele vê a necessidade de “apresentar a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo a uma sociedade onde falta o sentido da vida e que já começa a dar sinais de cansaço, desânimo e ansiedade”. França Miranda é professor no Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Graduado em Filosofia, também é mestre em Teologia pela Faculdade de Teologia da Universidade de Innsbruck, da Áustria, e doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana, da Itália, com a tese intitulada A autocomunicação de Deus em Karl Rahner. É autor de vários livros, entre os quais citamos Existência cristã hoje (São Paulo: Loyola, 2005). Ele concedeu uma entrevista na 186ª edição da IHU On-Line, de 26 de junho de 2006, sobre Inácio de Loyola, os jesuítas e a modernidade.

IHU On-Line - As amplas e rápidas transformações na realidade política, econômica, cultural e religiosa da América Latina apresentam novas exigências para a Igreja latino-americana. O que o senhor destaca como as principais questões que os delegados da V Conferência precisam enfrentar, em vista da presença e ação da Igreja na América Latina?

Mario França Miranda - Os desafios principais são vários. Elencá-los significa sempre deixar algum deles de fora. Deste modo, apontarei os que me ocorrem no momento. Primeiramente, a questão do avanço de uma sociedade pluralista e de uma cultura neoliberal numa população predominantemente católica, mas carente de uma evangelização adequada. A história da Igreja na

América Latina explica bem este fato: vastos territórios, carência de clero e religiosidade medieval ibérica, o que originou um catolicismo de rezas e santos patronos. Esta religiosidade, embora sincera e profunda entre os mais simples, não resiste em muitos ao impacto da secularização, agravada pela falta de uma experiência de comunidade cristã, devido à falta de padres e à dimensão das atuais paróquias. Em seguida, o problema da violência na América Latina, provocado em grande parte pelas gritantes desigualdades sociais que perduram, numa cultura onde o valor supremo significa eficácia, produtividade e lucro. Outro desafio consiste na imagem da própria Igreja em seu aspecto institucional: autoritária, moralista, pesada, acentuando mais o

pecado do que a mensagem positiva e alegre do Evangelho. Deve-se voltar ao kerigma, não de um modo simplista e ingênuo, mas apresentando a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo a uma sociedade onde falta o sentido da vida e que já começa a dar sinais de cansaço, desânimo e ansiedade. Outro problema diz respeito ao devido espaço que deve ser dado aos leigos e leigas na Igreja, para que, como cristãos adultos, possam se formar e se enfrentar com as questões postas pela atual sociedade. Durante séculos, tiveram uma presença passiva, já corrigida no Concílio Vaticano II, mas não devidamente implementada na vida eclesial concreta. Também há a impossibilidade de muitas comunidades católicas celebrarem a eucaristia, centro da vida cristã, por falta de sacerdotes, o que recoloca a questão da ordenação presbiteral dos "viri probati" na Igreja.

IHU On-Line - Como os desafios e exigências do mundo dos empobrecidos se apresentam hoje diante da Igreja da América Latina?

Mario França Miranda - A Igreja não dispõe nem de poder nem de solução mágica para resolver a questão da maioria de seus fiéis, que são pobres. Numa sociedade pluralista, ela procura se fazer ouvir para influir no poder decisório civil e ainda estar junto aos pobres na fidelidade ao Evangelho de Jesus Cristo. A Igreja do Brasil não deixou de ter tal postura, que pode e deve ser melhorada. Daí sua credibilidade na opinião pública. Neste sentido, a Síntese¹⁹ de Aparecida reafirma a opção pelos pobres, como forte desejo do episcopado latino-americano.

IHU On-Line - Considerando que quase a metade dos católicos do mundo estão na América Latina, qual é a

¹⁹ V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. *Síntese das contribuições recebidas* (São Paulo: Paulinas e Paulus, 2007). (Nota da *IHU On-Line*)

importância da V Conferência do CELAM para toda Igreja?

Mario França Miranda - A Igreja Católica na América Latina constitui, de fato, quase a metade dos católicos do planeta, mas este fato ainda não redundou num reconhecimento de sua importância na Igreja Universal. Em parte devido à falta de uma consciência de sua importância por parte da própria Igreja Latino-americana. Naturalmente, uma maior efetivação da doutrina da colegialidade episcopal, afirmada no Vaticano II, poderá facilitar uma maior consciência deste fato. Sabemos que a América Latina já vem enviando missionários para outros países, e não só da África: sacerdotes, religiosas, leigos e leigas. Além disso, temos uma Igreja viva e atuante, na opinião dos que chegam de fora. Temos características de viver a fé que são nossas e que poderiam ser aproveitadas em outras partes do mundo. O que vai surgir sobre este ponto em Aparecida não sabemos ainda.

IHU On-Line - A redução de fiéis da Igreja católica e sua evasão de católicos para outras igrejas ou outras religiões tem sido objeto de freqüentes análises sobre o cenário religioso latino-americano. Qual é o significado do fato quando se trata de pensar o lugar e o compromisso da Igreja católica em nosso Continente?

Mario França Miranda - Os católicos, que são presas fáceis do ramo pentecostal do protestantismo, indicam, a meu ver, duas lacunas na pastoral da Igreja. A primeira, já mencionada acima, é a falta de uma verdadeira evangelização. A segunda é uma evangelização demasiado doutrinal e moral, com preceitos e normas, deixando o emocional, o festivo e o simbólico em segundo plano. Aqui entra em cheio o tema da inculturação da fé, a saber, como os latino-americanos vivem a sua fé, a partir das características irrenunciáveis de sua cultura.

IHU On-Line - Quais são as principais linhas ou referências teológicas que perpassam o Documento de Síntese? Que conseqüências tem isto para a prática eclesial?

Mario França Miranda - Creio que podem ser resumidas pela relação entre discípulo- missionário (entenda-se leigo/a) e vida. A palavra vida implica uma concepção do Reino de Deus que não pode ser redutiva, nem em seu aspecto espiritual (em sentido denso) nem em seu aspecto social (vida humana digna).

IHU On-Line - Como o senhor avalia o engajamento da CNBB na preparação da V Conferência do CELAM? Quais são os principais elos entre a Assembléia de Itaiçuba e a Assembléia de Aparecida?

Mario França Miranda - A relação da CNBB com os demais países do CELAM é aquela possível, dada a variedade dos contextos socioculturais e eclesiais. Creio que os problemas são muito semelhantes, mas vistos diversamente pela diversidade acima mencionada. Temos que aceitar que um texto do CELAM não pode reproduzir o que os bispos brasileiros gostariam de ter. Aqui todos devem ceder um pouco, fazer emergir o que há de comum e enfatizar os pontos-chave que tocam a todos.

IHU On-Line - A caminhada rumo à Aparecida está evidenciando um expressivo pluralismo interno à Igreja e, portanto, o desafio do diálogo no interior da própria Igreja. Em que medida a Igreja latino-americana é capaz deste diálogo interno?

Mario França Miranda - A Igreja da América Latina, mesmo com sua rica diversidade, representa quase a metade dos católicos e aparece como uma Igreja viva, apesar de suas deficiências e carências. Julgo que esta

visita de Bento XVI vá ajudar para um maior diálogo e cooperação com a Igreja Universal. Muita coisa só se aprende pela experiência direta, pois os relatórios de terceiros podem ser tendenciosos. Este contato liberto de preconceitos poderá ajudar a uma mais verdadeira configuração da Igreja da América Latina, com benefício para todo o Povo de Deus desta região.

IHU On-Line - Enquanto pesquisador em teologia do diálogo inter-religioso, qual é a sua apreciação sobre esta questão no contexto da V Conferência?

Mario França Miranda - Não creio que o tema do diálogo inter-religioso será importante neste encontro. Já não afirmo o mesmo do ecumenismo, dado o fato de que sofremos com as seitas proselitistas, que deixam atrás de si, muitas vezes, um rastro de indiferença religiosa e de ceticismo, rastro este constituído pelos fiéis frustrados em seus sonhos de realização. Como manter o diálogo com os protestantes e, ao mesmo tempo, defender a Igreja destas seitas? A queda no número de católicos é vista aqui com mais reserva do que é noticiado pela mídia. Apontar este fato como razão da vinda do Papa é muito simplismo.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a presença do Papa no Brasil?

Mario França Miranda - Certamente, o Papa está experimentando algo novo em sua vida e me parece que está gostando. As liturgias têm conseguido unir a dimensão cúltica com um espaço para manifestações mais afetivas e brasileiras, que não destoam por provirem do coração do povo. E o Papa está captando isso muito bem. Não só não as restringe, como ainda as provoca, fazendo-nos lembrar João Paulo II.

Análise de Conjuntura

A página do IHU - www.unisinos.br/ihu - publica diariamente, durante os sete dias da semana, as Notícias Diárias e a Entrevista do dia.

É um serviço disponibilizado para quem se interessa em acompanhar os principais fatos e acontecimentos políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais e religiosos da contemporaneidade.

A partir desse serviço, o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, parceiro estratégico do IHU, elabora uma análise da conjuntura, em fina sintonia com a missão e as linhas estratégicas do IHU, elaborados no Gênese, Missão e Rotas, disponível na página do Instituto.

A última análise é do dia 09-05-2007 e pode ser acessada no endereço www.unisinos.br/ihu

A próxima análise estará disponível no final da tarde de terça-feira e será comunicada na newsletter enviada aos cadastrados na quarta-feira.

Para se cadastrar na página do IHU clique no item IHU por e-mail

Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias Diárias do sítio do IHU. Apresentamos um resumo dos destaques que podem ser conferidos, na íntegra, na data correspondente.

ENTREVISTAS ESPECIAIS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

Anjos do sol. Uma ficção real

Rudi Lagemann

Confira nas Notícias Diárias do dia 07-05-2007

O diretor do filme *Anjos do sol*, Rudi Lagemann, em entrevista à *IHU On-Line*, fala sobre o seu filme que retrata casos reais de prostituição infantil e abuso sexual. Lagemann alerta que a mídia e o cinema podem

contribuir de maneira positiva, proporcionando o debate sobre prostituição e chamando a atenção da sociedade para a realidade vivida por muitos adolescentes.

A privatização da Vale dez anos depois

Clair da Flora Martins

Confira nas Notícias Diárias do dia 08-05-2007

Dez anos após a privatização da Companhia Vale do Rio Doce, Clair da Flora Martins, ex-deputada pelo Paraná e ex-presença política do Regime Militar, explica os prejuízos causados ao País devido à privatização da empresa em 1997 e ressalta a importância do Plebiscito Popular pela Anulação do Leilão da Vale do Rio Doce.

Direito à propriedade intelectual

Pedro Paranaguá Moniz

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 09-05-2007

O professor da Fundação Getúlio Vargas - RJ Pedro Paranaguá Moniz disse, em entrevista à *IHU On-Line*, que o Brasil está entre os maiores exemplos na área de desenvolvimento de software livre, e afirma que o País é um exemplo nessa área, seguindo Espanha, Alemanha e Estados Unidos.

Comunidade Conte Comigo e a humanização do ciberespaço

Luciene Felix

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 10-05-2007

Manter relações de afeto e solidariedade é o objetivo da comunidade do orkut, *Conte Comigo*, que virou assunto para a publicação do livro *Conte Comigo - A*

maior comunidade de auto-ajuda do orkut, da professora de Filosofia, Antropologia e Mitologia Grego Romana da Escola Superior de Direito Constitucional - ESDC, de São Paulo, Luciene Felix.

Produção de biocombustíveis. Argentina e Brasil em disputa?

Marisa Barbosa e Sebastião Nogueira Junior

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 11-05-2007

Para a professora Marisa Barbosa, Brasil e Argentina serão concorrentes no mercado de biocombustíveis, mas nenhum mercado ameaçará o outro. De acordo com os professores, o ideal seria que os países tivessem uma parceria, o que, segundo eles, fortaleceria as ações entre eles.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM PUBLICADOS NAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

Bento XVI, crítico da cultura

Leonardo Boff

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 08-05-2007

Em artigo enviado à *IHU On-Line*, Leonardo Boff diz que a visão de Joseph Ratzinger em relação ao mundo e à Igreja é baseada a partir da cultura Européia, não percebendo, então, o mundo pela ótica dos pobres e oprimidos. Boff destacou ainda que, para Bento XVI, sem que haja a mediação da Igreja, os “valores culturais não valem o suficiente para salvarem o ser humano e a sua história”.

'Igreja tem estrutura voltada para um país rural'

D. Demétrio Valentini

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 08-05-2007

D. Demétrio Valentini, bispo de Jales, SP, afirma a igreja católica está perdendo fiéis porque demorou muito a se dar conta dos problemas a sua volta. Ele a define como “pesada” e sem agilidade para sintonizar com novos contextos, o que distancia os padres do povo. A entrevista é do jornal *Valor*, publicada no dia 08-05-2007.

As CEBs: 'movimentos sociais que só promovem invasões e fazem baderna, nada mais'

D. Aldo di Cillo Pagotto

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 08-05-2007

O Arcebispo da Paraíba, dom Aldo di Cillo Pagotto, se auto-define como alguém que diz o que pensa. Em entrevista ao jornal **Valor**, no dia 08-05-2007, afirma que para a Igreja Católica conseguir se revitalizar é necessário que ela fale “para todos os segmentos”.

Místico e racional

Ettore Masina

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 09-05-2007

O vaticanista e escritor italiano Ettore Masina, em entrevista ao jornal **Folha de S. Paulo**, no dia 09-05-2007, afirmou que a solidão e o conservadorismo de Ratzinger o afastaram da compreensão da Igreja na América Latina.

'Na política ser gay dá votos, lésbica não'

Beatriz Gimeno

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 09-05-2007

Ex-presidente da Federação Estatal das Lésbicas, Gays, Transexuais e Bissexuais (Felgt), Beatriz Gimeno disse que embora tenha conseguido, durante seu mandato, mudanças legais em relação aos direitos do grupo, afirma que para isso se tornar de fato real é necessária uma mudança cultural.

A entrevista do Bento XVI

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 10-05-2007

Enquanto viajava para chegar ao Brasil, Bento XVI concedeu uma entrevista, na qual condenou o aborto e criticou a Teologia da Libertação. O Papa disse também que os integrantes da igreja devem ser mais dinâmicos e missionários para responder a “sede” que a população tem por Deus.

Aborto. A Igreja quer constranger o governo Lula

Janio de Freitas

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 10-05-2007

O jornalista Janio Freitas, em artigo publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, no dia 10-05-2007, avalia que, com a visita do Papa, o alto clero católico está tentando pressionar o governo para que de alguma maneira ele se comprometa contra a legalização do aborto.

Aborto. 'Esse é um assunto da sociedade, não do governo'

José Reinaldo de Lima Lopes

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 10-05-2007

Em entrevista ao jornal **Folha de S. Paulo**, o professor de Teoria e História do Direito na Universidade de São Paulo e da Fundação Getulio Vargas, José Reinaldo de Lima Lopes, afirma que o debate sobre o aborto está mal colocado pelas instituições. E adverte que essa discussão deve acontecer entre a sociedade e não apenas em grupos representados pelo governo e pela Igreja.

Igreja progressista na clandestinidade

Maria Inês Nassif

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 10-05-2007

A editora de Opinião do jornal **Valor** Maria Inês Nassif, em artigo publicado no dia 10-05-2007, diz que Joseph Ratzinger contribui na política do Vaticano para esvaziar a Teologia da Libertação. E afirma que se Madre Cristina estivesse viva, ela incentivaria os adeptos da Teologia da Libertação a permanecerem na Igreja, à esquerda da ordem instituída.

A resistência a Ratzinger

Luiz Felipe Pondé

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 10-05-2007

O filósofo e professor da PUC-SP e da Faap, Luiz Felipe Pondé, em artigo publicado no jornal **Folha de S. Paulo**,

no dia 10-05-2007, questiona a visita do Papa ao Brasil. Para o professor, Ratzinger quer manter a sociedade acordada, por isso ele fala não apenas para católicos, mas para toda a humanidade.

'O papa não se faz amável'

Leonardo Boff

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 10-05-2007

Teórico de destaque da Teologia da Libertação, Leonardo Boff, diz que Bento XVI, além de pensar que o Cristianismo é o único meio para a salvação, não é flexível. E salientou que os “cristãos têm o direito de serem contemporâneos em sua fé e não apenas reprodutores de um passado antigo”. A entrevista com Leonardo Boff foi realizada pela revista *Fórum*, em abril de 2007.

O que resta das fronteiras

Marc Augé

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 10-05-2007

O antropólogo Marc Augé afirma que vivemos atualmente um período histórico no qual a necessidade de subdividir espaço, mundo ou seres humanos é menos evidente. Para ele, a história política do planeta parece pôr em discussão as fronteiras tradicionais no momento. E ressalta que a igualdade dos sexos, por exemplo, é uma das exigências do pensamento democrático. O artigo foi publicado no jornal *La Repubblica*, no dia 08-05-2007.

Dois anos para salvar o planeta

Cláudio Ângelo

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 10-05-2007

Em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, Cláudio Ângelo, editor de Ciência do jornal, disse que o mundo precisa, em dois anos, construir um acordo para evitar a emissão de gás carbônico no mundo, reduzindo as emissões em pelo menos 50%. O acordo substituirá o protocolo de Kyoto.

A visita política de um teólogo

Maria Cristina Fernandes

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 11-05-2007

A editora de Política do jornal *Valor*, Maria Cristina Fernandes, diz que o Papa pôs seu pontificado a serviço de um catolicismo que pretende reverter a perversão dos tempos modernos. No entanto, segundo ela, essa é uma batalha perdida. O artigo foi publicado no jornal *Valor* no dia 11-05-2007.

Vítimas ou mártires

Reyes Mate

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 11-05-2007

Para o professor de filosofia, Reyes Mate, do Instituto de Filosofia do CSIC (Conselho Superior de Pesquisas Científicas), os bispos espanhóis fazem uma distinção discutível entre vítimas e mártires, referindo-se à beatificação de 498 católicos assassinados durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Para ele, o grande problema é o uso da memória, a qual considera, ao contrário da Igreja, diferente ao se falar de vítimas e mártires.

Biocombustível, o mito do combustível limpo

Washington Novaes

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 11-05-2007

Em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, Washington Novaes comenta a pesquisa Biocombustível, o mito do combustível limpo, do professor Arnaldo Alves Cardoso, do Instituto de Química de Araraquara (Unesp). De acordo com Novaes, algumas questões importantes não estão sendo debatidas pela imprensa e pelo governo, como a necessidade de um zoneamento para a expansão, as implicações das monoculturas e da cana de açúcar na área ambiental e na área da saúde.

'Nunca se valorizou o meio ambiente em nenhum governo e o governo Lula foi o pior de todos'

Mario Mantovani

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 11-05-2007

O ambientalista Mário Mantovani, diretor do SOS Mata Atlântica, em entrevista ao jornal **Folha de S. Paulo**, no dia 11-05-2007 diz que o meio ambiente nunca foi um entrave no Brasil e afirma que o governo brasileiro está usando a questão ambiental para justificar o andamento dos projetos de infra-estrutura. Segundo ele, as obras no país não saem por falta de capacidade do governo e não devido aos problemas ambientais.

A chegada do Papa: palavras simplificadas e afirmações editadas

Luiz Alberto Gómez de Souza

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 11-05-2007

O sociólogo Luiz Alberto Gómez de Souza criticou a mídia brasileira. Segundo ele, “a mídia deitou e rolou”, editando e distorcendo as idéias do Papa. Souza ressalta que a população é induzida a crer que Bento XVI condena o aborto e a Teologia da Libertação.

Bento XVI no Brasil

"O sofisticado Ratzinger empurra a igreja para as trevas" - **Fernando de Barros e Silva**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 14-05-2007.

"Exceto por sua declaração contra os crimes do narcotráfico, a agenda de Bento XVI no Brasil foi toda negativa e conservadora" - **Fernando Rodrigues**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 14-05-2007.

"Quem exclui Deus de seu horizonte falsifica o conceito de 'realidade'" - **Bento XVI** - *Folha de S. Paulo*, 14-05-2007.

"Ir seis vezes à janela do mosteiro [de São Bento] valeu muito mais que seus discursos" - **D. Demétrio Valentini**, bispo de Jales (SP) - *Folha de S. Paulo*, 14-05-2007.

"As palavras do papa não são tão importantes, e sim a sua imagem. As pessoas choram ao ver o papa, e não ao ouvi-lo, elas vêm de longe para receber a bênção, não para receber ensinamentos" - Luiz Alberto Gomes da Silva, sociólogo - *Folha de S. Paulo*, 14-05-2007.

"Hoje a inquietação de Roma não está mais no interior de suas fileiras, mas fora: o indigenismo pagão que propugna o boliviano Evo Morales, o "marxismo do século XXI" como o define o venezuelano Hugo Chávez, as seitas e o neoliberalismo são os novos rivais" - **Jorge Marirrodiga**, jornalista espanhol - *El País*, 14-05-2007.

"Esse Papa fala muito bagulho bom" - J., menor infrator interno na Fundação Casa (Antiga Febem) que participou do Encontro dos Jovens Brasileiros com o Papa - *O Globo*, 9-05-2007.

"Ele (Bento XVI) não se exprime pela imagem, É

alguém que traz uma mensagem para ser pensada. E, mesmo assim, conseguiu empolgar” - **Luiz Alberto Gómez de Souza**, diretor do Programa de Estudos Avançados de Ciência e Religião da Universidade Candido Mendes - *O Globo*, 13-05-2007.

Concordata

“Não dá para pôr as regras católicas nas leis brasileiras” - **Roberto Romano**, filósofo - *Zero Hora*, 13-05-2007.

“Tal como está colocada, essa “concordata” equivale a um pedido de falência dos princípios republicanos e ao fim do Estado laico” - **Raul Jungmann**, deputado federal pelo PPS-PE, que apresentou um requerimento de informações ao Itamaraty sobre a “concordata” em que a Santa Sé reivindica do governo brasileiro medidas como a adoção de ensino religioso obrigatório nas escolas públicas do país - *Folha de S. Paulo*, 14-05-2007.

“O papa gostaria de transformar o Brasil num Irã católico” - um assessor direto de Lula, dá a medida do que pensa o entorno do presidente sobre itens da agenda de Bento XVI como a reivindicação de ensino religioso obrigatório nas escolas públicas do país - *Folha de S. Paulo*, 13-05-2007.

“É sua (de Lula) obrigação repudiar, como diplomaticamente fez, os pleitos que ferem a separação completa entre Estado e igreja no Brasil” - editorial do jornal *Folha de S. Paulo*, 13-05-2007.

“Do presidente Lula, de quem a Igreja queria arrancar benefícios especiais para os católicos,

Bento XVI recebeu uma resposta claramente republicana, ao lhe recordar que o Brasil é e seguirá sendo um país laico e com várias religiões” - editorial do jornal espanhol *El País*, 14-05-2007.

Lula e a Igreja

“Lula não tem uma visão teológica do mundo, não conhece o pensamento de Calvino, Lutero, São Tomás de Aquino, não sabe discernir a fé dos hindus, dos muçulmanos, dos protestantes, mas cumpre na intuição o principal mandamento: pensar no próximo” - **Marcelo Crivella**, senador pelo PRB-RJ - *Zero Hora*, 13-05-2007.

“Gilberto (Carvalho, chefe de gabinete de Lula) é o embaixador de Lula na Igreja Católica” - **Ricardo Kotscho**, ex-secretário de Comunicação - *Zero Hora*, 13-05-2007.

Boff

“Sinto saudades das missas que celebrava aos domingos no Convento do Sagrado Coração de Jesus, em Petrópolis, cantadas pelo Coro dos Canarinhos, em latim. Eu aprendi de Dom Paulo Evaristo, quando foi nosso mestre de canto em Petrópolis, a cantar bem o gregoriano. E usava muito incenso” - **Leonardo Boff**, teólogo - *O Globo*, 13-05-2007.

“Sua passagem (Bento XVI) seguiu um figurino já previsto, sem surpresas, o que não deixa de ser frustrante. Sua pregação poderia ter tido um sentido mais social, não necessariamente dissociado da espiritualidade cristã. Óbvio que seria irrealista imaginá-lo perfilado com representantes da igreja progressista. Não se trata disso. Mas ele poderia ter dado à questão

social um maior destaque em seus discursos” - **Valdo Cruz**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 13-05-2007.

DEM e PSDB

“Dá até desânimo fazer oposição” - **Gustavo Fruet**, deputado federal pelo PSDB-PR - *O Estado de S. Paulo*, 11-05-2007.

“Se Lula viabilizar o agronegócio, os votos do setor vão nos faltar nas próximas eleições para o DEM” - **Alceni Guerra**, deputado federal pelo DEM-PR - *O Estado de S. Paulo*, 13-05-2007.

“O partido, que não tem eleitorado urbano nem vocação para o lado social da política, não ficará apenas encurralado. O DEM pode desaparecer” - **Alceni Guerra**, deputado federal pelo DEM-PR - *O Estado de S. Paulo*, 13-05-2007.

Juros

“A redução dos juros precisa ser acelerada. Isso ajudaria na depreciação do real e frearia o capital especulativo” - **Paulo Nogueira Batista Jr.**, diretor executivo do Fundo Monetário Internacional (FMI) - *O Globo*, 13-05-2007.

“O cenário econômico favorável dos últimos 4 ou 5 anos não vai durar para sempre. Novas crises virão” - **Paulo Nogueira Batista Jr.**, diretor executivo do Fundo Monetário Internacional (FMI) - *O Globo*, 13-05-2007.

Aborto

“Não estou proibido de falar sobre aborto. O que eu disse ontem [anteontem] é que era preciso falar um pouco menos sobre o assunto porque minha mãe me ligou e disse que o papa está trazendo outros assuntos importantes a serem discutidos no Brasil, como a fome e a questão social. Foi minha mãe, uma grande mãe” - **José Gomes Temporão**, ministro da Saúde - *Folha de S. Paulo*, 12-05-2007.

“Poxa, brigando com o Papa. Você está maluco? Falar de aborto com o Papa aqui? Como cidadão você pode defender o que quiser, como ministro, não dá” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República reclamando com José Gomes Temporão, ministro da Saúde - *O Globo*, 14-05-2007.

Trololó

“Nós vamos fazer a TV pública, vamos fazer sem trololó” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, Presidente da República - *Folha de S. Paulo*, 12-05-2007.

“Ficar”

“Hoje a garotada até aposta quem fica com mais pessoas, dentro de um verdadeiro clima de promiscuidade” - **D. Dimas Lara Barbosa**, secretário-geral da CNBB - *O Estado de S. Paulo*, 9-05-2007.

Eventos

Agenda da semana

A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DOS EVENTOS PODE SER CONFERIDA NO SÍTIO DO IHU - WWW.UNISINOS.BR/IHU

Dia 15-5-2007

Discussão da obra Memórias do Cativo, Família, Trabalho e Cidadania na Pós-Abolição, de Ana Lugão e Hebe Mattos

Profa. Dra. Ana Maria Lugão Rios - UFF/UFRJ

Interpretações do Brasil: dos clássicos às novas abordagens

Sala 1G119 - IHU - 19h30min às 22h

Dia 16-05-2007

Teoria dos sentimentos morais - Adam Smith (1723-1790)

Prof. Dr. Hugo Eduardo Araujo da Gama Cerqueira - UFMG

Ciclo de Estudos Fundamentos Antropológicos da Economia

Sala 1G119 - IHU - 19h30min às 22h

Adam Smith e a teoria dos sentimentos morais

Prof. Dr. Hugo Eduardo Araujo da Gama Cerqueira - UFMG

III Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia

Sala 1G119 - IHU - 19h30min às 22h

Dia 17-05-2007

Como alguém se torna paranóico? - De Schreber a nossos dias

Seminário clínico-psicanalítico com Charles Melman - Como alguém se torna paranóico? - De Schreber a nossos dias

Prof. Dr. Charles Melman

Anfiteatro Pe. Werner - Ciências da Saúde - 15h às 18h e das 19h às 22h

Existe jornalismo acadêmico? O tipo de jornalismo feito pela revista IHU On-Line

Jornalista Graziela Maria Wolfart

IHU Idéias

Sala 1G119 - IHU - 17h30min às 19h

Dia 18-05-2007

Como alguém se torna paranóico? - De Schreber a nossos dias

Prof. Dr. Charles Melman

Seminário clínico-psicanalítico com Charles Melman - Como alguém se torna paranóico? - De Schreber a nossos dias

Anfiteatro Pe. Werner - Ciências da Saúde - 9h às 12h e das 14h às 17h30min

Dia 19-05-2007

Como alguém se torna paranóico? - De Schreber a nossos dias

Prof. Dr. Charles Melman

Seminário clínico-psicanalítico com Charles Melman - Como alguém se torna paranóico? - De Schreber a nossos dias

Anfiteatro Pe. Werner - Ciências da Saúde - 9h às 12h e das 14h às 17h30min

Exibição do filme Xica da Silva, de Carlos Diegues

Prof. Dr. Paulo Roberto Staud Moreira - Unisinos

História do Brasil e Cinema II: Índios e Negros - Leitura e imagens no cinema brasileiro

Sala 1G119 - IHU - 8h30min às 12h

A história recontada pelos descendentes de escravos

INTERPRETAÇÕES DO BRASIL: DOS CLÁSSICOS ÀS NOVAS ABORDAGENS

Para a Profa. Dra. Ana Maria Lugão Rios, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a história é feita por cidadãos e pode ser contada por eles, tornando-se, assim, uma construção democrática. Segundo ela, as famílias descendentes de escravos têm maneiras particulares e específicas de contar a própria história. “São relatos que muitas vezes escapam da história que os historiadores oficiais tentam contar.” Para registrar esses depoimentos, Ana, juntamente com a professora Hebe Mattos, escreveu o livro Memórias do cativo. Família, trabalho e cidadania no pós-abolição (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005). A obra está associada a um conjunto de ensaios sobre a memória da escravidão e da abolição nas antigas áreas cafeeiras do Sudeste e de história social do pós-emancipação na região. Com base no livro, foi produzido, pelo Laboratório de História Oral e Imagem, da Universidade Federal Fluminense, um filme documentário intitulado Memória do cativo.

Ana Maria Lugão Rios é graduada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestre na mesma área pela Universidade Federal Fluminense. Doutora em História pela University of Minnesota, atualmente é professora adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em Interpretações do Brasil: dos clássicos às novas abordagens, Ana Maria Lugão Rios abordará as maneiras como o tema da abolição e pós-abolição foram tratados pela História. O evento é gratuito e está marcado para às 19h30min, na sala 1G 119, na Unisinos. A entrevista que segue foi concedida à IHU On-Line, por telefone.

IHU On-Line - A obra Memórias do cativo. Família, trabalho e cidadania no pós-abolição apresenta depoimentos de negros descendentes de escravos africanos. Como foi o processo de coletar esses depoimentos?

Ana Maria Lugão Rios - As entrevistas foram coletadas entre 1994 e 1995. Esse trabalho foi uma experiência que mudou a minha maneira de viver e ver a história. Antes de produzir esse trabalho, eu tinha um projeto que era mais demográfico e acabei mudando para compilar mais as trajetórias familiares, porque os depoimentos me mostram uma dimensão humana dessas trajetórias. A passagem da escravidão para a liberdade foi marcante na memória familiar dos descendentes de escravos. Eles passaram a contar o tempo familiar com essa posição. Então, é muito freqüente ouvir depoimentos de netos de escravos descrevendo se sua avó era ou não escrava, se viveu antes ou depois da abolição. Essas vivências familiares permitiram que eles tivessem uma clara idéia sobre a lei abolicionista e a história da escravidão no Brasil.

Essas diferenças, remetendo a trajetórias familiares, lembrando de avós, bisavós, foram o que me empurrou a tentar compreender a dimensão dessas diferentes trajetórias nesse quadro das histórias familiares a partir do período pós-abolição. Os descendentes de escravos tiveram trajetórias de vida, ao saírem do cativo, muito diferentes e construíram suas vidas familiares de modos diferentes também. Alguns de maneira muito violenta, precários e dramáticos, enquanto outros com uma memória familiar do sucesso relativo, de não terem passado fome, de terem tido acesso à educação.

IHU On-Line - O que mais lhe surpreendeu nos depoimentos?

Ana Maria Lugão Rios - Muita coisa me surpreendeu, mas principalmente a maneira como as famílias tentam contar a própria história. Os dados da memória familiar

mais marcante com relação à escravidão apontam para aspectos que as pessoas consideravam muito humilhantes. A imagem da escravidão era aquela de que os negros comiam em cocho, como os animais, e não tinham a própria casa. Há depoimentos de avós que se ressentiam muito por não terem amamentado seu próprio filho para amamentar o filho do senhor. Por outro lado, esses relatos mostram outros aspectos de pessoas que conseguiram desenvolver camaradagens com o próprio senhor, a ponto de fazerem parte de uma aposta e de um jogo um pouco jocoso, mas com um diferencial: alguns eram mais escravos do que outros, e isso ficou na memória familiar. Então, o fato de essas pessoas e essas famílias terem uma maneira particular e específica de contar a própria história internamente surpreendeu-me bastante, pois são relatos que muitas vezes escapam à história que os historiadores oficiais tentam contar.

IHU On-Line - De que maneira esse trabalho mudou sua maneira de ver a história?

Ana Maria Lugão Rios - Passei a ver a história como uma construção muito democrática. Todo mundo pode contar e construir a própria história a sua maneira. Além, disso, a história pode ser algo que todo mundo vê e vivencia. No entanto, muitas vezes não nos damos conta de que essa é uma dimensão do passado recontada e que se desdobra. Eu viajava muito pelo interior do Estado, mas nunca tinha prestado atenção em todas as sutilezas que, pelo menos no Rio de Janeiro, se apresentam. Toda a cultura popular, por exemplo, na maioria das vezes é levada adiante por comunidades ou famílias que vêm fazendo isso desde a época da abolição, ou até antes. A paisagem rural, formada por comunidades de remanescentes, de descendentes de escravos, apresenta uma historicidade bastante presente, mas nós, infelizmente, nem sempre nos damos conta de que nelas podemos encontrar a história.

***IHU On-Line* - Como a historiografia da escravidão e da pós-abolição contribui para resgatar e registrar a luta dos descendentes de escravos por seus direitos?**

Ana Maria Lugão Rios - Toda essa discussão em torno dos remanescentes de quilombo e mesmo das cotas é uma politização que tem sido levado adiante pelas associações políticas representativas dos negros no Brasil. E isso é perfeitamente legítimo. A história é feita por cidadãos. Nós precisamos ter uma honestidade com os métodos e práticas com a academia e com o que ela exige. Entretanto, não podemos apagar o historiador como cidadão que tem uma intervenção política que se reflete no seu trabalho. A cobrança, por exemplo, de um trabalho deve passar pelo rigor acadêmico, independente do perfil expresso por posição política. Da mesma forma, deve existir um respeito ao trabalho das associações políticas, ao mesmo tempo que se espera que as associações tenham um respeito, mesmo na discordância sobre o trabalho acadêmico.

***IHU On-Line* - Embora a escravidão tenha sido extinta em 1888, a senhora acredita que sua herança permanece até hoje na sociedade brasileira com a discriminação racial, social e econômica de negros e pobres?**

Ana Maria Lugão Rios - Eu não gosto de pensar em termos de herança da escravidão. Nesses mais de 100 anos, existiram tentativas, lutas ou posições oficiais que devem ter sido omitidas. O mundo é dinâmico e a situação do negro hoje se deve a muitas coisas que vão além do fato de a escravidão ter existido há 100 anos atrás. Então, nessa trajetória, o pós-abolição é interessante porque estuda se os grupos discriminados tinham acesso à cidadania, se não tinham e por que esse dado de discriminação era tão violento ou não. A história do negro deve ser analisada no seu contexto, na sua trajetória histórica. Caso contrário, a discriminação fica

como algo que não pode ser nunca resolvida, considerando-se que é uma herança ou, então, que só agora se pode retomar o passado, visando a reparações. Então, precisamos pensar que todos os cidadãos necessitam ter acesso, constitucionalmente, a tudo que é dado pelo estado. Portanto, é preciso que estejamos cientes de que o problema existe e deve ser combatido, de maneira participante, eficiente, democrática, com os instrumentos políticos que temos hoje.

***IHU On-Line* - O que a senhora acha das cotas reservadas para negros em universidades? Isso não aumenta ainda mais o preconceito racial?**

Ana Maria Lugão Rios - Essa é uma questão que tem várias facetas. Eu poderia dizer que sou contra cotas raciais para a universidade pública, o que não significa dizer que eu sou contra essa iniciativa legal de se dirimir o preconceito. Os dispositivos que nós tivemos, até agora, proibindo o racismo não foram eficientes, por exemplo, para situações onde visivelmente existe uma discriminação por cor. Não acho que isso seja o caso da universidade. A universidade discrimina quem teve acesso a um ensino péssimo, como tem sido os ensinos fundamental e médio da rede pública. Então, eu sou a favor da formulação que privilegia cotas para o ensino público. Agora, veja bem, essas cotas destinadas a uma grande parcela de negros surgiram para tapar o buraco de um erro mais grave, exatamente o da má qualidade dos ensinos fundamental e médio. Não podemos fechar os olhos e apenas dizer que somos contra as cotas. Precisamos nos sensibilizar com as dificuldades. No meu entendimento, a melhor maneira é diagnosticar corretamente o problema e perceber onde o preconceito está prejudicando. Mas o mais importante disso tudo é fazer a sociedade discutir o assunto, ajudando a reflexão sobre essas injustiças.

Sentimentos morais

CICLO DE ESTUDOS FUNDAMENTOS ANTROPOLÓGICOS DA ECONOMIA E III CICLO DE ESTUDOS REPENSANDO OS CLÁSSICOS DA ECONOMIA

Na obra do filósofo escocês Adam Smith, podemos encontrar “elementos importantes para a compreensão de aspectos técnicos e sociais das economias capitalistas”, afirma o Prof. Dr. Hugo Eduardo Araujo da Gama Cerqueira, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Smith é considerado o pai da economia moderna, e o mais importante teórico do liberalismo econômico. De acordo com Cerqueira, a obra do filósofo é importante, pois ela oferece “pistas para uma reaproximação entre os estudos de ética e de economia”. No próximo dia 16-05-2007, o Prof. Dr. Hugo Eduardo Araujo da Gama Cerqueira, estará presente na Unisinos, participando dos eventos: Ciclo de Estudos Fundamentos Antropológicos da Economia e no III Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. Ele discorrerá sobre a obra Teoria dos sentimentos morais, de Adam Smith (1723-1795). A palestra está marcada para 16-05-2007, às 19h, na sala 1G119, na Unisinos. O evento é gratuito a comunidade.

Hugo Eduardo Araujo da Gama Cerqueira é graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre e doutor em Filosofia pela mesma Universidade. Ele atuou como economista no Dieese entre os anos de 1989 e 1998. Atualmente, Hugo Cerqueira é professor adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A entrevista que segue foi concedida à IHU On-Line, por e-mail.

IHU On-Line - Qual é a contribuição do pensamento econômico de Adam Smith para a formação da sociedade capitalista atual?

Hugo Eduardo Araujo da Gama Cerqueira - Smith pode ser visto como um pensador às voltas com os problemas de uma sociedade capitalista ainda não plenamente constituída, de um capitalismo anterior à Revolução Industrial. Mesmo assim, em sua obra econômica emergem elementos importantes para a compreensão de aspectos técnicos e sociais das economias capitalistas. Por outro lado, ao tomar certas características desta organização social como naturais e ao propor o liberalismo econômico, sua obra cumpriu o papel ideológico de respaldar o combate aos privilégios e restrições que caracterizavam as políticas mercantilistas, num momento em que os interesses da burguesia industrial ainda coincidiam com as necessidades do desenvolvimento material da sociedade.

Posteriormente, os problemas criados pelo desenvolvimento desta ordem liberal vieram à tona revelando os equívocos e limitações de suas idéias. Mais recentemente, a partir dos anos 1980, e num contexto bastante diverso daquele outro, a imagem de Smith como uma espécie de pai do liberalismo econômico foi

invocada para justificar o neoliberalismo e as políticas de desregulamentação e privatização que vieram em sua esteira. Margaret Thatcher afirmava ter se inspirado em Adam Smith e até mesmo um certo Instituto Adam Smith foi criado nos anos 1970 para propor e disseminar idéias neoliberais. Mas é preciso notar que a obra de Smith é muito mais rica e complexa do que aquilo que nos é vendido por estes seus pretensos discípulos.

IHU On-Line - Por que é importante estudar esse autor na atualidade? De que maneira a reconstrução dos argumentos de Smith podem contribuir para nos proporcionar um novo entendimento das relações entre ética e economia?

Hugo Eduardo Araujo da Gama Cerqueira - Há várias razões para que a gente siga lendo um pensador clássico como Smith, mas penso que um dos motivos mais importantes para justificar a releitura de sua obra consiste exatamente nas pistas que ela pode nos oferecer para uma reaproximação entre os estudos de ética e de economia. Não é segredo para ninguém que, sobretudo nas últimas décadas, a economia distanciou-se do estudo das questões morais. O resultado disso foi um brutal empobrecimento da teoria

econômica. Ela perdeu a capacidade de refletir sobre os problemas éticos que estão no centro das decisões e comportamentos humanos, inclusive aqueles que constituem as ações econômicas. Isso fica muito claro quando nos damos conta do modo limitado como a teoria econômica concebe a racionalidade humana, tratando-a como mera maximização do auto-interesse.

Por outro lado, muita gente atribui a Adam Smith esta idéia de que as nossas escolhas são orientadas apenas pela busca do auto-interesse, bem como a idéia de que somente este tipo de comportamento promove o bem-estar da sociedade. Mas basta uma leitura cuidadosa de sua obra para perceber que estas idéias estão longe de refletir as concepções de Smith. Ao contrário, o tratamento que ele deu a estes temas é muito mais complexo, refinado e esclarecedor do que se costuma pensar.

IHU On-Line - O senhor afirma que, em *Teoria dos sentimentos morais*, Smith diz que os homens estão dotados de um conjunto variado de sentimentos e que estão inclinados ao seu interesse próprio, embora se preocupem com os sentimentos de outros homens. Na nossa sociedade atual, na qual impera o individualismo, podemos dizer que esse pensamento de Smith é aplicável?

Hugo Eduardo Araujo da Gama Cerqueira - Penso que a concepção de Smith a este respeito guarda atualidade, sem dúvida, mas é preciso que a compreendamos adequadamente. Smith abre a *Teoria dos sentimentos morais* afirmando que, por mais egoísta que se suponha ser o homem, há nele princípios que o inclinam a se interessar pela sorte dos demais, que fazem com que ele considere a felicidade dos outros homens e mulheres como algo necessário para ele mesmo, mesmo que ele não extraia qualquer vantagem disso. Ao fazer esta afirmação, ele se distancia de pensadores como Hobbes e Mandeville, defensores do que podemos chamar de egoísmo moral, isto é, da idéia de que nosso interesse pela sorte dos demais é apenas, em última instância, uma manifestação do nosso amor-próprio, do nosso auto-interesse. Pois bem, na sociedade contemporânea o individualismo é exaltado e a busca do auto-interesse coloca-se como uma espécie de imperativo da vida econômica. Talvez por isso mesmo versões modernizadas daquele egoísmo moral

postulado por Hobbes e seus seguidores façam tanto sucesso entre economistas e cientistas sociais hoje em dia. Mas não é menos verdade que testemunhamos cotidianamente ações movidas por outros valores, como a caridade, a generosidade, a justiça, o espírito público ou a humanidade. Portanto, não podemos ignorar a presença destes outros valores, nem me parece que seja correto buscar compreender estas ações como resultado de alguma forma escamoteada de auto-interesse. Neste sentido, as perguntas propostas por Smith e mesmo parte de suas respostas seguem sendo bastante atuais.

IHU On-Line - Na visão de Adam Smith, o egoísmo pode ser considerado positivo, pois somente quando o indivíduo trabalha pensando nos seus próprios interesses, ele contribuirá para o bem coletivo? Seria essa uma das proposições que norteiam o conceito de autonomia, por exemplo?

Hugo Eduardo Araujo da Gama Cerqueira - Cuidado: Smith não vê o egoísmo como necessariamente positivo. Esta é uma maneira usual de entender o sentido da *Riqueza das nações*, mas não se pode dizer que corresponda ao sentido do pensamento de seu autor. Para Smith, os diferentes sentimentos não são em si mesmos bons ou maus: uma ação movida pelo amor-próprio, pelo auto-interesse (ou por outro sentimento qualquer) pode ou não ser virtuosa. Um homem é virtuoso, na medida em que combina e contrabalança seus sentimentos de modo a ser capaz de agir de modo justo, prudente e benevolente. Se permitirmos que o amor-próprio atue como uma paixão desenfreada, então estaremos agindo de uma maneira imprópria. Mas, contrariando aqueles que consideram que nenhuma ação movida pelo amor-próprio pode ser virtuosa, Smith é claro ao afirmar que o cuidado com a nossa própria felicidade e a atenção para com nossos interesses privados podem, em muitas ocasiões, ser princípios motores de ações bastante louváveis. O que conta na avaliação moral do amor-próprio é, como nos demais casos, a aprovação ou não deste sentimento pelo espectador imparcial, o que, por sua vez, depende da nossa capacidade de controlar nossos sentimentos, de moderá-los para dar a eles uma expressão adequada.

IHU On-Line - Como o senhor pode definir o conceito de “sentimentos morais”? Dizer que um sentimento é moral não

seria tentar aplicar uma idéia iluminista a um aspecto instintivo do ser humano?

Hugo Eduardo Araujo da Gama Cerqueira - O conceito de sentimento moral não é simples, mas podemos tentar esclarecer seu sentido em poucas palavras. Smith é um pensador iluminista, mas de uma tradição muito peculiar do iluminismo, que designamos de iluminismo escocês. Tanto ele quanto Hume¹, Hutcheson² e outros filósofos morais escoceses eram

¹ **David Hume (1711-1776):** filósofo e historiador escocês, que com Adam Smith e Thomas Reid, é uma das figuras mais importantes do chamado Iluminismo escocês. É visto, por vezes, como o terceiro e o mais radical dos chamados empiristas britânicos. A filosofia de Hume é famosa pelo seu profundo ceticismo. Entre suas obras, merece destaque o *Tratado da natureza humana*. (Nota da IHU On-Line)

² **Francis Hutcheson (1694 - 1746):** teólogo presbiteriano e filósofo irlandês. Conhecido pelas suas teses sobre Ética e por ter sido professor e fonte de inspiração de Adam Smith, Francis Hutcheson é um exemplo

profundamente avessos à idéia de se atribuir à razão a capacidade de formular juízos morais com base em critérios imutáveis, que permitiriam distinguir o bem do mal ou discernir que ações são em si mesmas corretas, virtuosas, justas etc. Ao contrário, julgavam que somos capazes de reconhecer o bem moral a partir de um sentido interno, uma disposição de nossa mente para receber a idéia de bem moral a partir da presença de um objeto, da mesma maneira como estamos dispostos a receber pela visão ou pelo olfato a idéia das qualidades secundárias de um objeto diante de nós. Neste sentido, a aprovação moral nos viria através de um sentimento moral - ou de diferentes sentimentos morais, como queria Smith. Daí sua filosofia moral ser uma teoria dos sentimentos morais.

da transição do puritanismo Calvinista para uma teologia mais tolerante e pró-modernidade. (Nota da IHU On-Line)

Leonardo da Silva

“A gente aprende todos os dias, em qualquer profissão que estiver.” Oriundo de Carazinho, Leonardo da Silva adora a companhia das pessoas. Aos 44 anos, tem orgulho das amizades que conquistou em sua vida. Sempre trabalhando, ele construiu uma família grande, com dez filhos e conquistou a casa própria. Na Cooperativa Bom Fim, de São Leopoldo, onde mora e trabalha, fazendo fretes, encontrou o seu lugar. Conheça um pouco mais de Leonardo da Silva na entrevista a seguir.

Origens

Leonardo nasceu em Carazinho, mas a família é de São Gabriel. De uma família grande, além do pai Luiz e da mãe Eva, Leonardo ainda tem quatro irmãos, com quem brincou na infância. “A gente não tinha esses brinquedos, então



inventávamos brinquedinhos de pauzinho, brincava com os bichinhos, como galinha.”

Mudanças

Devido à profissão do pai, a família mudou-se muito. Depois de Carazinho, foram para Cruz Alta, onde Leonardo cresceu. Logo a família se mudou novamente, dessa vez para

Uruguaiana, na fronteira do Estado. “Nos adaptamos rápido, porque o meu pai sempre teve um convívio muito bom com as pessoas. Quando chegávamos, elas estavam praticamente esperando a gente.” Leonardo relembra o pai na época, que voltou a estudar para alcançar um cargo melhor. “As pessoas queriam que a gente estivesse perto, principalmente do meu pai. Ele passou a ser motorista quando trocamos de cidade.” A última parada da família foi em São Gabriel, onde moram até hoje. “Lá eu cresci e fiquei até completar 22 anos.”

Estudos

Leonardo completou o Ensino Fundamental, mas saiu da escola durante o Ensino Médio para trabalhar. Ele atuava em uma ferragem, Barraca São Sebastião, e, mais tarde, entrou para o exército, não conseguindo conciliar as duas atividades. “Era difícil estudar à noite.”

Soldado

Leonardo relembra com saudades os quatro anos que passou no quartel. “Eu sempre quis entrar para o exército. Achava bonito a gente correndo na rua, todo mundo fardado.” Lá, ele teve a oportunidade de conhecer muitas pessoas, sua atividade preferida. “Conheci muita gente, de Lajeado, Venâncio, de todo o Estado.” A primeira função de Leonardo era cozinhar para os soldados, aprendendo, a cada dia, mais um pouco. “Todos ganhavam uma função e a minha era de rancheiro. Eu gostava muito.” Logo ele foi promovido a motorista. “Tinha o sargento Pillin, que ensinou a gente a lidar com o veículo. O meu pai tinha me ensinado, mas ele me ensinou mais ainda. Eu dirigia carro pequeno e no quartel peguei até caminhão grande.” Leonardo levava pontes para os soldados em lugares com dificuldade de travessia.

Oportunidade

Ao sair do quartel, Leonardo aproveitou a sugestão de um amigo e foi para Porto Alegre, a fim de fazer o teste para a Brigada Militar. “Ganhávamos o polígrafo e estudávamos em cima disso para depois fazer a prova. Não consegui passar. Era uma oportunidade que teve que eu queria aproveitar.” O

mesmo amigo levou Leonardo para Novo Hamburgo, para onde se mudou. “Ele comentou que lá tinha bastante serviço, que podia morar uns dias com ele até arrumar um lugar para morar.” Em uma semana, Leonardo estava empregado. Ele foi contratado pela extinta rede de supermercados Poko Preço, onde fazia serviços gerais. Nesse trabalho, Leonardo entrou em contato novamente com o que gosta mais: as pessoas. “Eu gostava das pessoas que trabalhavam lá, fiz amigos novos, pessoas muito boas, que trabalhavam muito, sem esperar pelo outro para fazer as coisas. A cada um que entrava a gente já explicava que lá ninguém esperava por ninguém para fazer alguma coisa, que se estivesse errado a gente ajudava. Tinha muito ajuda e amizade entre os colegas.”

Amizade

Desde a infância, Leonardo adora fazer amizades novas. “Desde que saí de São Gabriel fui crescendo lidando com as pessoas. Eu sempre gostei disso, de conversar, brincar com as pessoas. Minha vida é em volta das pessoas.”

Trabalho

A oportunidade bateu à porta de Leonardo novamente. Um amigo ofereceu uma vaga para uma lancheria no centro de Novo Hamburgo. “Falei com o meu gerente, expliquei que lá eu iria ganhar mais e ainda ia ter alimentação, então fui. Lá eu fazia xis, atendia no balcão, fazia sucos.” Com a crise do setor calçadista da região, o trabalho na lancheria também foi afetado. Diante disso, Leonardo aceitou outra oferta de emprego em uma lancheria perto de sua casa. “Lá eu fazia as mesmas coisas que na outra, mas eu também podia trabalhar na chapa, fritando os bifés. Eu gostava de fazer isso e atender as pessoas. Conhecia muitas pessoas novas, que é o que eu mais gosto.” Sempre no ramo da alimentação, o próximo passo de Leonardo foi a pizzaria Galpão, onde aprendeu a fazer pizzas.

Reencontro

Leonardo retornou para São Gabriel quando o pai ficou doente e acabou reencontrando Solange, amiga e futura

esposa. “Naquela época, ela não queria namorar, pois tinha saído de um relacionamento. Eu falei com a minha mãe e a tia dela para tentar convencê-la e deu certo; hoje ela é minha esposa.” Diante da resistência de Solange em namorar, Leonardo voltou para Novo Hamburgo, mas sem desistir da idéia. Quando entrou de férias ele voltou à cidade para reencontrar Solange. “Falei para a minha mãe que ela estava com dificuldades na família, pois não tinha lugar certo para morar e ainda tinha uma filha. Pedi para minha mãe oferecer um serviço para ela, para cuidar da casa e ela se mudou para lá.” Leonardo aproveitou o período em casa para se aproximar ainda mais da namorada, e no fim, convidou-a para morar com ele em Novo Hamburgo. “Ela disse que queria pensar. Acabou decidindo vir para experimentar.” Hoje, depois de vinte anos, o casal tem dez filhos e oficializou a união com um casamento em 2006.

Cooperativa

Diante da responsabilidade de sustentar a família, Leonardo envolveu-se com o trabalho da Cooperativa Bom Fim. Ele trabalhava com uma carroça, realizando reciclagem, quando surgiu a oportunidade de comprar um terreno na cooperativa. “Primeiro eu comprei um terreno, mas como o loteamento estava no início e não sabíamos o que iria acontecer, acabamos vendendo. E fiquei a ver navios. Quando a cooperativa se estabeleceu eu tive que sair de lá, pois estava morando em um terreno que não era meu. Mais tarde,

comprei outro lote.” Hoje, Leonardo trabalha diretamente com a cooperativa, realizando fretes com a carroça. No Bom Fim, também conheceu a igreja Ministério Ágape Internacional. “Lá é onde posso me relacionar com toda a comunidade. Freqüento a igreja e trabalho lá como G12 do pastor, que é a pessoa que recebe as pessoas para os cultos.”

Casa própria

A família mora ainda em uma casa de madeira, mas já tem a casa própria quase pronta. “Foi emocionante receber a minha casa. Quando eu contei para a minha família, todos começaram a perguntar como seria a casa, se iria ter quartos maiores, se iam poder ter camas individuais.”

Sonho

Meu maior sonho é ver meus filhos empregados, cada um com a sua casa e com estudos e minha família continuar feliz como é.

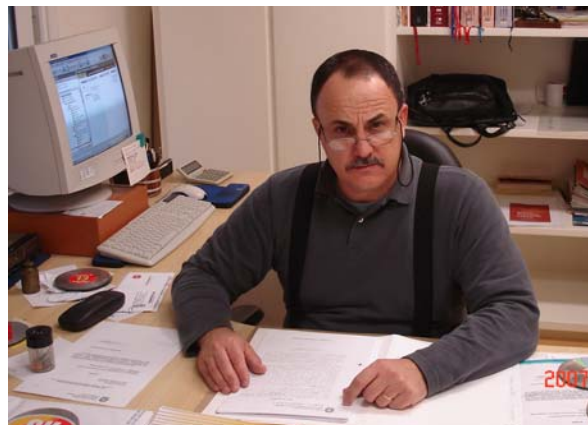
Brasil

Eu tenho esperança que nossos governantes consigam ajudar mais as pessoas. Eles estão fazendo um trabalho muito bom com as cooperativas, que têm parceria com as prefeituras para construir uma moradia melhor, uma vida digna para cada um. Eu não penso só nos meus filhos. Penso também em outras pessoas, que estão mais necessitadas.

IHU REPÓRTER

Rômulo José Escouto

Natural de Cachoeira do Sul, Rômulo Escouto é um advogado dedicado à causa trabalhista. Bacharel em Direito pela PUCRS, obteve mestrado em Ciência Sociais Aplicadas na Unisinos, onde leciona na graduação em Direito. Aos 47 anos, além de professor, é presidente da Associação de Docentes da Unisinos e tem um escritório de advocacia. Casado há vinte anos, com duas filhas, aproveita as horas vagas com a família e ainda pratica o automobilismo. Conheça um pouco mais deste professor na entrevista a seguir.



Origens - Nasci em Cachoeira do Sul, município a 200 quilômetros de Porto Alegre. Tenho 47 anos. Nasci nessa cidade de um modo um pouco accidental. Meu pai era agricultor e nós vivíamos no campo, onde conseguíamos plantar. Na época em que eu nasci, estávamos próximos a Cachoeira do Sul. Passado mais algum tempo, aconteceram alguns problemas na lavoura, e meu pai acabou indo trabalhar na cidade e viemos para Porto Alegre.

Mudança - Quando nós chegamos a Porto Alegre, em 1966, meu pai começou a trabalhar como guarda em uma obra de construção. Toda a família foi morar com ele nesta obra. Posteriormente, moramos em um lugar extremamente retirado na época, no bairro Teresópolis, em Porto Alegre, que em 1966 era muito calmo. Era uma chácara, com uma casa de pátio grande. Lá, tínhamos contato com a terra e podíamos jogar futebol na rua, pois não havia nem calçada na época. Havia uma lomba enorme, onde andávamos de carrinho de lomba. As pandorgas também faziam sucesso entre meus amigos.

Estudos - Estudei até a universidade em escolas públicas. Quando converso com colegas da área da educação, eles afirmam que eu sou uma exceção. Eles falam que os registros apontam que a educação pública já se deteriorava nessa época. Estudei na primeira turma depois da reforma do ensino. Fiz o primário em uma escola anexa ao Instituto de Educação Flores da Cunha, onde os professores eram supervisionados. Era uma escola padrão na época. Quando nos mudamos para o bairro Menino Deus, estudei na Escola Experimental Presidente Roosevelt e no Colégio Estadual Infante Dom Henrique, onde concluí o Ensino Médio, com curso técnico em Publicidade e Propaganda.

Direito - A escolha pelo curso de Direito veio de uma sugestão do meu pai. Na verdade, quando estava no momento de prestar o vestibular, eu ainda era um pouco imaturo, não tinha certeza do que fazer. Prestei vestibular na PUCRS e passei. Eu fiz o curso de Direito nos anos 1980, quando o País atravessava um momento de ebulição. Durante o curso, o mundo do trabalho despertou-me o interesse. Envolvi-me com o movimento sindical, o que me levou, depois de formado, a optar pelo direito do trabalho.

Trabalho - Comecei a trabalhar aos 15 anos, em um estabelecimento comercial muito importante no País, que é parte da memória afetiva do Rio Grande do Sul: a tempo recebi as mercadorias, etiquetei, desencaixotei. Os funcionários da Casa Masson se reúnem há quatro anos em jantares que chegam a ter 300 pessoas. Saí da empresa quando consegui o emprego na PUCRS, onde estudava. Como a Casa Masson ficava no bairro Navegantes, eu chegava a pegar seis ônibus por dia para me deslocar até a faculdade e minha casa. Na PUC, trabalhei no setor de registros, onde fiquei até me formar.

Começo - Logo que me formei fui advogar. Com dois colegas de curso, montei um escritório, que durou em torno de um ano. Então, consegui um emprego como advogado em uma federação de trabalhadores, onde fiquei por um ano. Nessa época, montei o meu próprio escritório. Foi difícil, pois estava sozinho. Ainda assim, estava satisfeito porque estava vivendo da advocacia. Mais tarde, fui convidado para ser sócio de um escritório de advocacia, onde se tinha uma estrutura melhor, pois funcionava há mais tempo. Fechei o meu escritório e aceitei a proposta. Com o tempo, foram saindo os funcionários, e esse escritório acabou se tornando meu, onde estou até hoje.

Professor - Tornei-me professor dois anos depois da minha formatura. Estava envolvido no movimento sindical de trabalhadores e conhecia pessoas ligadas ao sindicato de professores. Na época, a Universidade admitia professores através de um processo de seleção público. Através deles, em 1988, participei do processo de seleção da Unisinos e fui admitido. Hoje, além de lecionar no curso de graduação de Direito, sou presidente da Associação de Docentes da Unisinos.

Casa Masson. Meu primeiro cargo era o de aprendiz de comércio. Nos sete anos que fiquei lá, exerci diversas funções no departamento de compras. Durante muito

Família - Sou casado há vinte anos com a Berenice, e temos duas filhas, de 19 e 17 anos.

Horas Livres - Demorou muitos anos para eu ter horas livres. Quando não estou trabalhando, aproveito com a minha família, passeando na serra ou na praia.

Esporte - Eu pratico esporte a motor: o automobilismo. Participo de corridas no estado, no Campeonato Gaúcho. Aos 40 anos, entrei em uma escola de pilotagem, comprei um carro de corrida e me envolvi, de forma amadora, com o esporte.

Autor - Quando era mais jovem gostava de ler Luis Fernando Verissimo. Hoje, o livro que me chama mais atenção é o *Germinal*, de Émile Zola, que também se relaciona com o meu campo, pois fala do trabalho.

Filme - Não assisto a muitos filmes. O filme de que mais gosto é *Hair*.

Futuro - Meu plano é continuar vivendo e ajudar minhas filhas em sua formação.

Unisinos - Para mim, a Unisinos é extremamente importante. Foi o único lugar onde lecionei. Tenho um vínculo maior com a Unisinos do que com a universidade onde fiz minha graduação. Ao longo desses 20 anos, lecionar aqui tem me proporcionado experiências muito gratificantes. Considero extremamente importante lecionar em um curso de Direito, convivendo com os jovens que serão meus colegas daqui a alguns meses ou anos.

IHU - Eu acompanho as publicações do Instituto Humanitas, sobretudo a revista *IHU On-Line*, que leio sempre quando tenho a oportunidade. Penso que é um espaço interessante da Universidade, importante pelos assuntos que trata. Participei de alguns eventos do IHU e acho interessante este tipo de instituição.